



**NATURAL—NATURAL**  
PAISAGEM E ARTIFÍCIO



ANA MARIA TAVARES











Burle Marx

# o eterno defensor da paisagem

**U**m dos paisagistas mais famosos do País chegou ontem a Fortaleza: Burle Marx. Veio para iniciar estudos de um novo trabalho que vai desenvolver em nossa cidade. Trata-se de um grande jardim para uma fábrica, com projeto do arquiteto Borsoi.

Apesar de alguns dos seus trabalhos terem sofrido deturpações no decorrer da execução, permanece sempre atento para que isto não ocorra. Aponta como uma das causas as limitações de material ou de recursos humanos, fato muitas vezes natural. Observa, no entanto, que suas obras no Ceará quase sempre são bem organizadas e cuidadas com certo carinho, principalmente através da contribuição de seu amigo Ricardo Marinho.

Burle Marx é um homem extremamente apaixonado pelo Brasil. Seus trabalhos sempre são executados com plantas nativas, expondo a riqueza de nossa flora. Por suas pesquisas e dedicação nestes anos de árdua luta em defesa da ecologia, foi eleito membro honorário da Sociedade Brasileira de Botânica. "Isto para mim é de grande importância".

Com vários projetos programados para este ano, confessa que costuma trabalhar constantemente, procurando através do estudo e da aquisição de novas experiências

executar o melhor possível as suas idéias. Esta persistência em procurar sempre evoluir faz com que seu nome seja respeitado além fronteiras e requisitado quase sempre para compor comissões, participar de seminários etc.

No próximo mês de março, por exemplo, estará viajando para a França, para presidir o julgamento de um imenso parque em Paris. Vai aproveitar esta viagem para ir até a Inglaterra, onde será homenageado com uma importante medalha.

Com relação à gradativa destruição da natureza em nosso País, Burle Marx considera um absurdo a construção de usinas nucleares. "Acho também que é um absurdo a destruição de Sete Quedas. Isto pode contribuir para alguma coisa num momento futuro, mas a crise que nós estamos sofrendo atualmente tem como causa principal os gastos com estas obras faraônicas. E que é mais grave: numa época em que a opinião pública não é consultada nem respeitada. Eles simplesmente fazem e depois nós é que pagamos".

— O que vemos — continua — é a destruição de nossa flora, e, conseqüentemente, da nossa fauna. A vida já está insuportável nas grandes cidades, poluídas. O que será dos outros, que virão depois de nós?

Para Burle Marx, um jardim é como uma obra de arte: difere de uma pintura ou escultura apenas pelos meios de expressão. "Mas além de ter uma função estética,

uma área verde deve atender a outras necessidades específicas: ser adequadas a esportes, para crianças ou velhos, propiciar a contemplação da flora. Os parques, as praças da cidade, tornam-se cada vez mais indispensáveis, pelas próprias dificuldades da vida atual. O homem tem necessidade de ter uma medida de si mesmo, de poder fazer um passeio descontraído, para encontrar pessoas, para poder gozar de certa tranquilidade".

Desde que projetou seu primeiro jardim, em 1932, Burle Marx sempre viaja para conhecer de perto, em seu ambiente, a variedade enorme de nossa flora. É de opinião que devemos aproveitar a flora autóctone, que já está condicionada ao meio ambiente. "Mas, em geral, acontece justamente o contrário. Quando se faz um loteamento, a primeira providência é aplinar todo o terreno, arrasar todas as plantas locais para se construir jardins "exóticos".

Aponta como uma das causas o conceito errôneo que se tem de um jardim: "Ao invés de se procurar uma integração com a paisagem já existente, prefore-se liquidar com nosso equilíbrio ambiente e importar plantas que vivem mais facilmente em outras regiões".

Roberto Burle Marx nasceu em São Paulo, a 4 de agosto de 1909. O seu amor pela natureza vem desde a infância, quando residia em sua terra natal e logo depois no Rio, para onde se mudou com a família aos quatro anos de idade. Este seu amor foi que o levou a dedicar-se,



Encontra-se em Fortaleza um dos maiores paisagistas do Brasil

ainda na adolescência, à pintura. Em 1928, partiu para Alemanha com o objetivo de estudar e desenvolver técnicas no campo da arte. Frequentou diversos jardins e entregou-se apaixonadamente ao estudo das floras, fazendo mil e uma descobertas.

Foi com uma filosofia contrária à devastação que o urbanismo moderno provoca nas cidades que ele assumiu, em 1934, a direção do Departamento de Parques e Jardins de Recife. Um ano antes, já tinha realizado seu primeiro projeto de jardim, encomendado por Lucio Costa. E em 1937, ainda no Recife, criou o primeiro jardim ecológico do Brasil.

Em 1941, após integrar equipes de arquitetos famosos, já tem um nome firmado em todo o País. Recebe, então, neste ano, uma medalha de ouro da Escola Nacional de Belas Artes. Em 1957,

volta à Europa, expondo em diversos locais e divulgando suas idéias nas universidades e museus. É condecorado então pelo Rei Balduino, da Bélgica. E os prêmios começam a se multiplicar.

O governo do Chile, em 1962, concede-lhe a medalha do mérito nacional. No ano seguinte, a 7a. Bienal de São Paulo destina-lhe o primeiro lugar como criador de jóias. Em 1968, torna-se membro honorário do Instituto de Arquitetura Paisagística de Londres.

As suas obras estão presentes em quase todas as cidades do Brasil, além de vários países do mundo. Entre seus inúmeros trabalhos, destacam-se: o painel de azulejos do Instituto Oswaldo Cruz e da cidade

universitária da Universidade do Brasil, o ajardinamento da praia de Botafogo e do Museu de Arte Moderna do Rio.

Executou também os projetos do Parque do Flamengo e do Eixo Monumental, em Brasília. Em colaboração com o arquiteto Karl Moser, elaborou ainda o projeto do Jardim das Nações, de Viena, e os pátios da Unesco, em Paris. Em 1970, realizou o projeto dos calçadões no alargamento da praia de Copacabana e muitos outros durante todos estes anos. Mas o que se destaca com maior firmeza deste artista é a sua luta em defesa permanente das nossas belezas naturais.

— É preciso proteger a natureza com um repositório da beleza, na esperança de que as árvores floresçam por muitos e muitos anos. Afinal, é essa esperança que dá um sentido a vida.

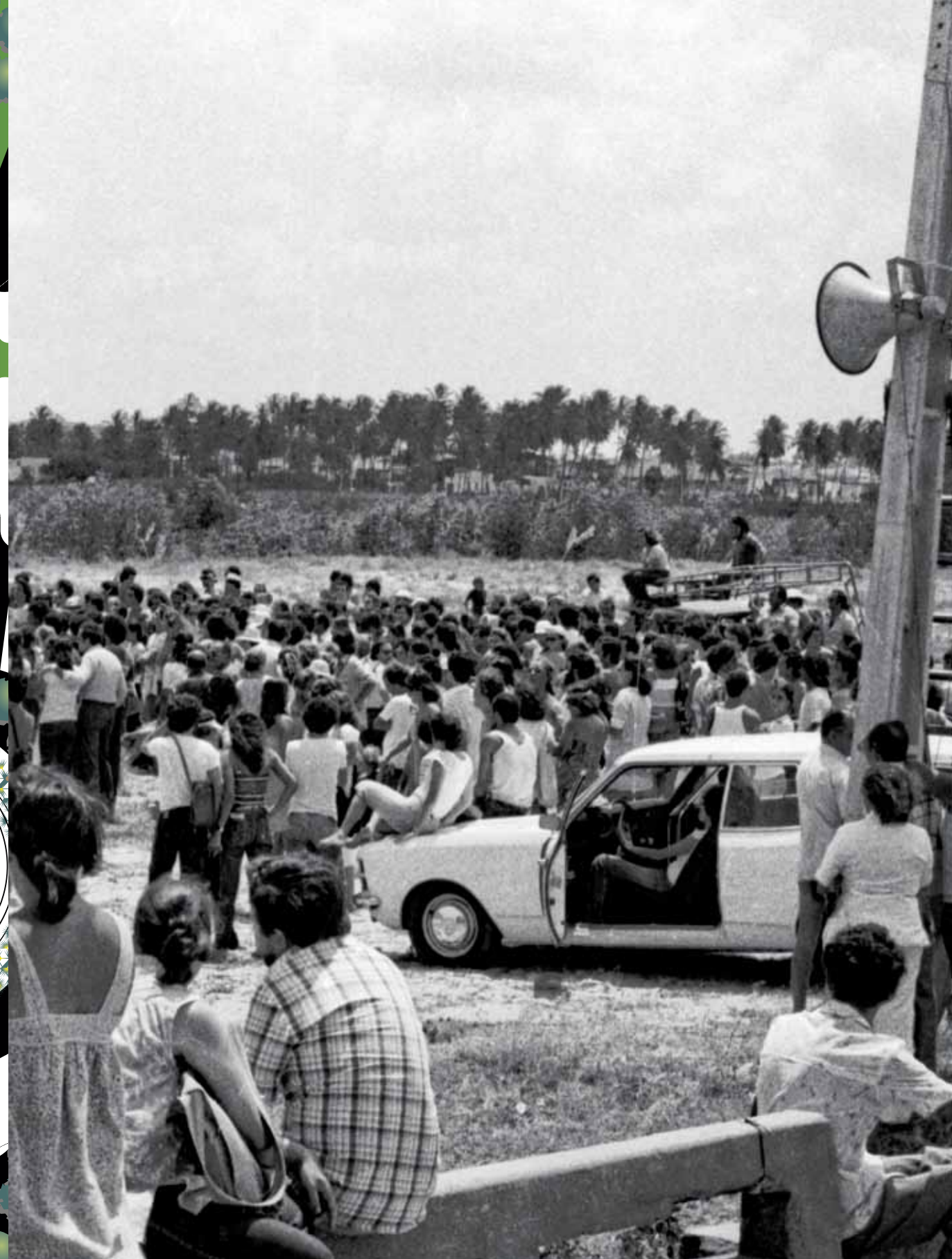


















MINISTÉRIO DA CULTURA  
E CENTRO CULTURAL BANCO DO NORDESTE APRESENTAM

# NATURAL—NATURAL

## PAISAGEM E ARTIFÍCIO

ANA MARIA TAVARES



Patrocínio



Realização

Ministério da  
Cultura



FORTALEZA  
E JUAZEIRO DO NORTE  
2013



Acreditamos que promover exclusivamente as tradições locais não é suficiente para que haja diversidade na arte. Ao contrário, quanto maior o contato entre a arte de diferentes lugares, maiores as probabilidades de crescimento de ambas, apesar das tensões e paradoxos desse contato que, ao mesmo tempo, ampliam as possibilidades da produção artística e o risco em torná-las semelhantes. A arquiteta Lina Bo Bardi, em 1958, extrapola essa ideia para além dos limites da arte com a criação da Escola de Desenho Industrial (EDI), em Salvador-BA, onde o aprendizado se estabelecia pelo contato e pela troca de experiências entre estudantes de engenharia e arquitetura e mestres artesãos locais.

Agora, o Projeto **Natural-Natural: Paisagem e Artificio** estimula parcerias e colaborações, ações preciosas para, em certa medida, sermos resistentes à monotonia do universalismo global. É com este pensamento que o Centro Cultural Banco do Nordeste se envolve e financia o Projeto **Natural-Natural** e que o Museu de Arte Contemporânea abriga uma das ações do Projeto. Entendemos a complexidade do processo artístico de escuta e contaminação local integrado à rede de parcerias entre artistas, instituições culturais e de ensino, artesãos, designers e pesquisadores locais.

#### **Jacqueline Medeiros**

Coordenadora de Artes Visuais  
Centro Cultural Banco do Nordeste  
Fortaleza

Concepção e Coordenação

Curadoria

Cocuradoria

Participação especial – Artesãos convidados

Participação especial – Artistas convidados

Participação especial – Entrevistados

Pesquisa

**Ana Maria Tavares**

**Ana Maria Tavares**

**Vitor Cesar**

**Antonia Maria Alves de Lima, Auzirene Moura de Lima, Benedita Áurea de Sales, Cláudia Capeto, Cristiane Pereira Carneiro, Elenir Fideles da Silva, Francisca Aldenice de Souza Felix, Francisco das Chagas Santos, Francisco Fortunato da Silva, Freuda Maria Lima de Sousa, Helena Fideles da Silva, Ione Pioner, Joana Darc Barros dos Santos, Julia Fideles da Silva, Lúcia de Castro Costa, Lucilene Costa Melo, Maria Cleonice Gomes de Sousa, Maria da Conceição Santos Marques, Maria de Jesus Rodrigues de Sousa, Maria Sueli Costa Lima, Oscar Cordeiro Menezes, Renata de Sousa Ribeiro, Rômulo de Sousa Carvalho, Stalin de Sousa Carvalho, Tatiana Santos da Silva, Verônica Vieira dos Santos, Wilza Lima Pereira**

**Bruno Schultze, Celina Hissa, Fabíola Salles Mariano, Guiomar Marinho, Manoela Quintas, Marina Sheetikoff, Pedro Perez Machado, Rodrigo Costa Lima, Silas de Paula, Silvania de Deus, Vitor Cesar**

**Alexandre Barbalho, Guiomar Marinho, Izabel Gurgel, Ricardo Bezerra**

**Júlia Lopes**



# Natural—Natural

## Paisagem e Artifício

**Natural-Natural: Paisagem e Artifício** é um projeto especialmente pensado para a cidade de Fortaleza, com itinerância em Juazeiro do Norte, que reúne o resultado de experiências estruturadas a partir de laboratórios investigativos, pensados como plataformas de ‘formação e informação expandidas’, as quais buscam transcender não só o modo tradicional com que se produz o conhecimento e a arte, mas também suas instituições: a escola e o museu.

Os laboratórios de imersão, chamados **LAB-01 e LAB-02: Reconstruções de Paisagens**, foram formulados tendo como enfoque a produção de Roberto Burle Marx (1909-1964) em Fortaleza, na década de 1960, e o estudo de caso de dois de seus jardins projetados para a cidade – o jardim do Edifício Passaré, sede do Banco do Nordeste, e o jardim do Teatro José de Alencar. Estes laboratórios, realizados de fevereiro a julho deste ano, visaram a investigação de técnicas, processos e materiais para a produção de obras de arte em colaboração com artesãs e designers locais. O **LAB -03: Pesquisa – Entre a História e a Atualidade do Lugar** buscou referências importantes em arquivos da cidade, enfocou sua história e as tensões que definem a paisagem atual para reunir material de referência e apresentar a rede de relações que formaram o contexto essencial para a criação das obras de arte aqui apresentadas. Por fim, o **LAB -04: Diálogos da Modernidade: Entre Ciência, Política e Estética** foi concebido como um Seminário Internacional para promover uma perspectiva crítica sobre a interação da arte e da arquitetura com a ciência e o social.

Em minhas instalações e intervenções em arquiteturas – e também nas cidades – tenho me dedicado a interrogar a arquitetura moderna por meio de ações dialógicas entre espaço e sujeito, forma e conteúdo, que intercambiam saberes e privilegiam uma produção artística reativadora dos espaços, arquivos e ideologias. Assim, a proposta para exposição **Natural-Natural: Paisagem e Artifício** pretende afirmar-se como a instauração de um lugar orgânico, processual e dialógico, cujo resultado seja uma produção artística colaborativa, construída na confluência dos campos da artesanaria popular, da arte, da arquitetura e do paisagismo, presentes na cultura moderna do Ceará, em especial da cidade de Fortaleza.

A estruturação deste projeto nasce com o convite a jovens artistas e profissionais de Fortaleza, dotados de grande interesse na discussão dos assuntos que este projeto toca e cuja trajetória se destaca em nosso cenário. Todos estes contribuíram intensamente durante o processo – na concepção e na produção deste conjunto de obras, na formulação das entrevistas, na escolha dos

artistas convidados e na reunião dos documentos que aqui se apresentam.

Vitor Cesar ocupou desde o início um lugar importante, dada a sua formação transdisciplinar e seu modo contextual de atuar. Nossa interlocução remonta ao período de realização de seu mestrado (2006-2009), sob minha orientação, quando aprofundou questões relativas à arte no contexto da esfera pública. Sua formação em arquitetura e sua atuação como designer e artista permitiram que adentrássemos em aspectos conceituais específicos anunciados desde a elaboração inicial do projeto. Vitor contribuiu na estruturação do projeto curatorial, realizou o projeto expográfico, o de design gráfico e o de comunicação visual. Participou também como artista convidado, apresentando uma série de fotografias realizada em Fortaleza, em 2006. Desde o início, a obra “As Meninas” (1656), do pintor espanhol Diego Velasquez, foi uma referência que permaneceu viva para mim em todas as etapas deste projeto. Vitor Cesar ocuparia, então, esse lugar destinado ao “intruso”, aquele que abre a porta dos fundos e, distanciado, pode ver a cena de forma crítica, mas, igualmente, atuar nela. A partir desta referência o projeto foi definindo seus distintos parceiros, mostrando a estruturação de um trabalho que se constitui por agentes cujas funções borram limites preestabelecidos.

Celina Hissa, designer com formação em Comunicação Visual, atualmente mestranda do Curso de Comunicação Visual da UFC, foi parceira imprescindível no processo de criação e mediação do trabalho com as artesãs. Sua experiência profissional de quem há alguns anos investe na produção híbrida de processos industriais e artesanais e seu trabalho extremamente meticuloso foram fundamentais. Sua atuação compreendeu a seleção das equipes de artesãos e das tipologias de produção artesanal e, junto comigo, a coordenação dos laboratórios de imersão; a tradução de meios, processos e técnicas e a coordenação geral da produção do trabalho com as artesãs, contribuindo enormemente para o desenvolvimento dos projetos propostos.

Júlia Lopes, coordenadora de pesquisa, é jornalista; trabalha com política e arte. Consciente das pressões e dinâmicas sociais e políticas que determinam e constituem as cidades, é ativista na defesa dos direitos humanos, atuando na assessoria de um mandato parlamentar e dos movimentos sociais organizados. Seu trabalho compreendeu o levantamento e a organização de documentos, a articulação de conversas e a formulação de entrevistas, na busca por material e dados para compor a Sala de Referência. Sua participação nos proporcionou o debate de temas extremamente atuais e relevantes para **Natural-Natural**.

Neste processo de levantamento e organização dos conteúdos é inegável a contribuição dos entrevistados; agradecemos a todos aqueles que aqui aparecem com seus depoimentos registrados em vídeos e aos tantos outros com quem tivemos o prazer de compartilhar experiências e de ouvi-los. Estas pessoas facilitaram também o acesso aos arquivos e a coleta de material visual relativo aos assuntos tratados.

Aos artistas convidados propusemos diálogos poéticos com

os diversos temas que surgiram ao longo deste processo e em conjunto escolhemos obras de seus acervos; a alguns sugerimos a realização de um novo trabalho para a exposição. Pensamos que todos estes trabalhos, em conjunto com os documentos de arquivo, poderiam tecer uma rede complexa de relações poéticas para se pensar a cidade de Fortaleza.

Rodrigo Costa Lima, artista e videomaker, foi responsável pela documentação videográfica de todas as etapas do trabalho com as artesãs e das entrevistas. Participou também como artista, convidado a produzir um vídeo autoral especialmente para esta exposição. Nesta obra, Rodrigo nos dá uma visão poética da cidade de Fortaleza. Trabalha essencialmente a natureza do tempo da cidade a partir da linguagem videográfica e nos mostra ritmos da cidade em fluxos diferenciados, tecendo uma perspectiva sensorial da cidade.

A documentação fotográfica das obras, presente neste livro, e aquelas que documentaram as etapas do processo de trabalho, foram realizadas por várias pessoas envolvidas no projeto, entre elas: Vitor Cesar, Rodrigo Costa Lima e João Tavares Pini. Coube, porém, ao artista convidado Bruno Shultze, a documentação geral do trabalho realizado pelos artesãos, a documentação da exposição e do material visual que compõe a Sala de Referência. Em sua produção pessoal, a partir de uma perspectiva mais antropológica e da cultura visual, Bruno Shultze tem se voltado a investigar as comunidades indígenas, em particular os índios Guarani que vivem no litoral paulista.

Com Fabiola López-Durán, historiadora de arte e arquiteta e professora da Rice University (USA), venho, há alguns anos, compartilhando ideias e conceitos para a formulação de projetos acadêmicos e museológicos colaborativos que inspiraram a elaboração de **Natural-Natural: Paisagem e Artífício**. Neste contexto, Fabiola contribuiu na discussão das ideias, na concepção e na formulação do programa do Seminário Internacional, **LAB -04: Diálogos da Modernidade: Entre Ciência, Política e Estética**, do qual participa como coordenadora e palestrante.

**Natural-Natural: Paisagem e Artífício** configura-se, enfim, como um processo de escuta que teve como objetivo inspirar a criação de obras de arte, a revisão de metodologias e técnicas de pesquisa e a produção de arte; a reunião de documentos e objetos, o cruzamento de diversas falas e posicionamentos que ganham visibilidade no espaço-tempo desta mostra e no Seminário Internacional. Nada disto teria sido realizado sem a enorme generosidade, disponibilidade e imensa receptividade de todos com quem mantive contato e apresentei minhas ideias e daqueles que, junto comigo, desenvolveram e deram corpo ao que apresentamos nesta exposição. É com imensa alegria que agradeço a todos os colaboradores, às instituições e aos parceiros desta cidade e, ainda, a todos aqueles que em São Paulo e em outros cantos do Brasil puderam garantir que chegaríamos até aqui.

**Ana Maria Tavares**  
Fortaleza, setembro 2013







## Jardim para Burle Marx (Sala branca)

NATURAL—NATURAL PAISAGEM E ARTIFÍCIO

Desde o início ficou claro que o objetivo não era o de replicar plantas e vegetações na tentativa de apenas “saber representar” com agulhas e linhas o que era visto e observado. Visava algo que pudesse subverter a ordem dada para nos apresentar aquilo que reanimaria os sentidos e nos provocasse a razão, conectando a todos com topografias intocadas ou sutilmente apagadas da memória. Em nossos encontros nos laboratórios de imersão passamos da exuberância das cores tropicais às sutilezas dos matizes rebaixados das dunas e, nesta trajetória, encontrei-me radicalmente fascinada com a possibilidade de deslizar completamente da ordem dada ao mais silencioso e mudo. O universo da luz e da sombra se impôs como urgência: exercício de reversão e excelente metáfora para promover o encontro de mundos aparentemente antagônicos.

Fortaleza: cidade da luz, cidade branca, do sol a pino; da luz e das sombras.

Fortaleza: cidade que se forma entre o azul do céu e o do mar e encontra seu ponto intermediário, topográfico e imaginário, nas dunas.









**JARDIM PARA BURLE MARX  
(SALA BRANCA) 2013**

Tecidos e fios de algodão, lã e poliéster, couro, madeira, aço inox e manta acrílica | 16 m<sup>2</sup>

A obra JARDIM PARA BURLE MARX foi concebida por Ana Maria Tavares e realizada em colaboração com Celina Hissa. Sua elaboração é resultado das proposições dos laboratórios de imersão, **LAB -01** e **LAB -02: Reconstruções de Paisagens**

**Coordenação dos Laboratórios**

Ana Maria Tavares e Celina Hissa

**Coordenação da Produção**

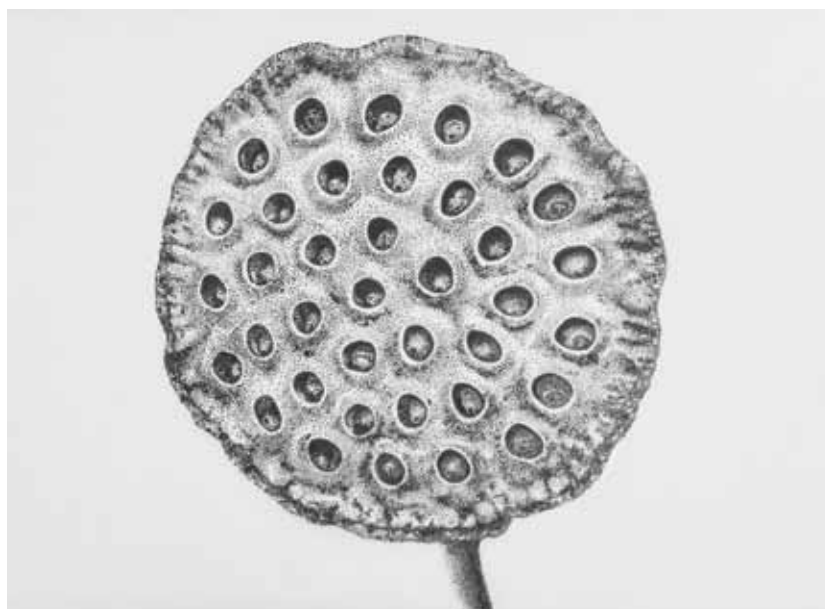
Atelier Ana Maria Tavares e Celina Hissa

**Artesãos Convidados**

Antonia Maria Alves de Lima, Auzirene Moura de Lima, Cláudia Capeto, Elenir Fideles da Silva, Francisca Aldenice de Souza Felix, Helena Fideles da Silva, Ione Pioner, Joana Darc Barros dos Santos, Julia Fideles da Silva, Maria da Conceição Santos Marques, Oscar Cordeiro Menezes, Renata de Sousa Ribeiro, Tatiana Santos da Silva, Verônica Vieira dos Santos, Wilza Lima Pereira.

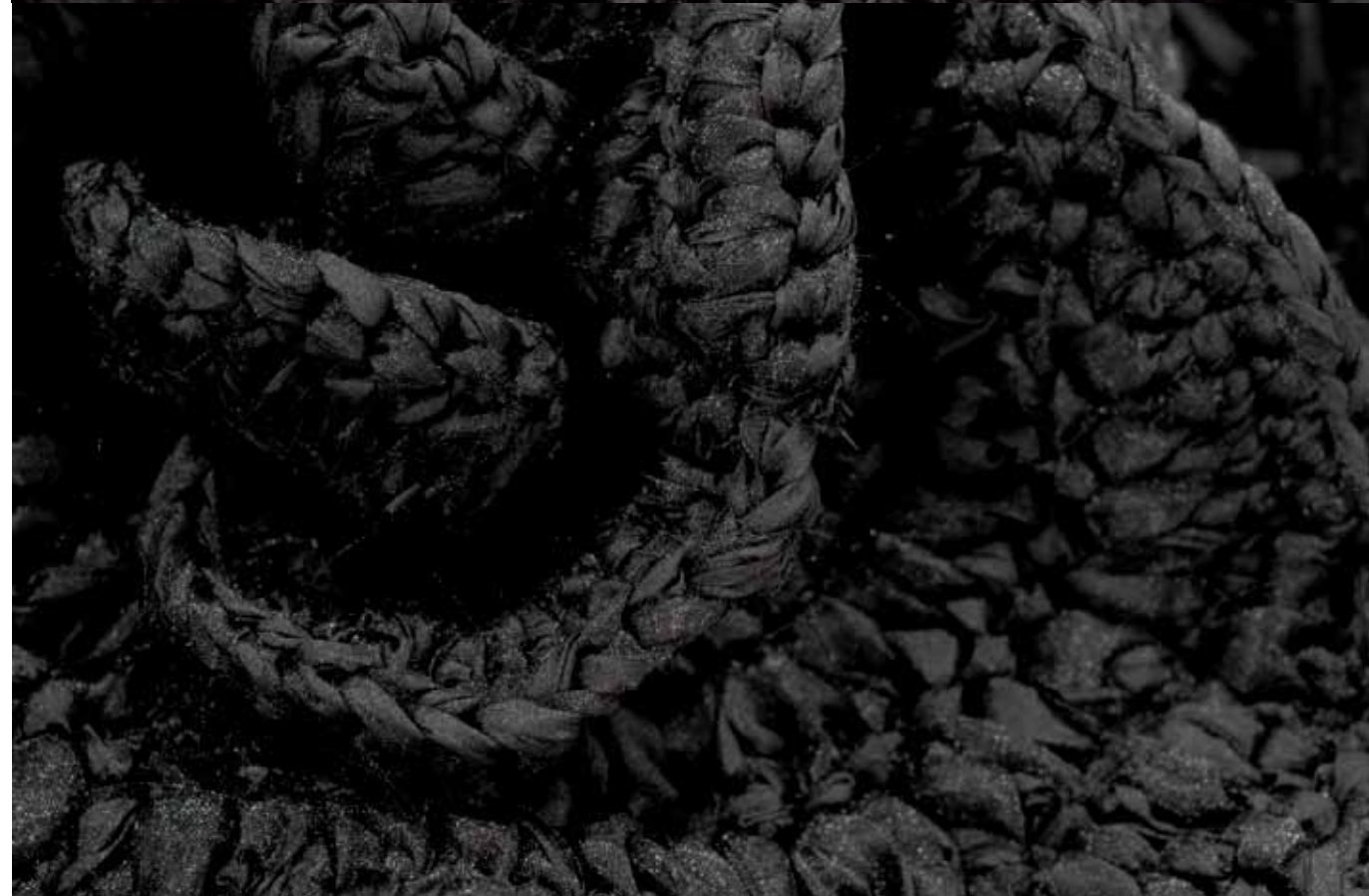






Manoela Quintas  
[São Paulo, 1986  
Vive e trabalha em Lisboa]

**NELUMBO NUCÍFERA** 2013  
Ilustração | Caneta sobre Poliéster  
19,5 x 29,5 cm

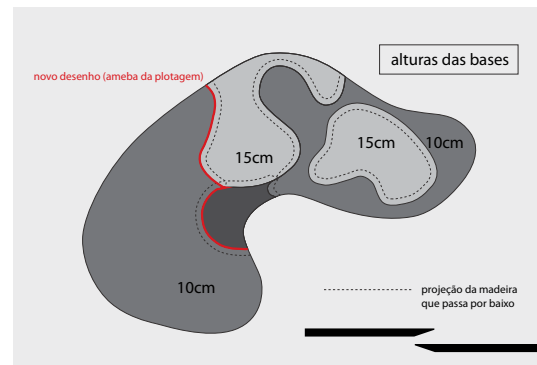




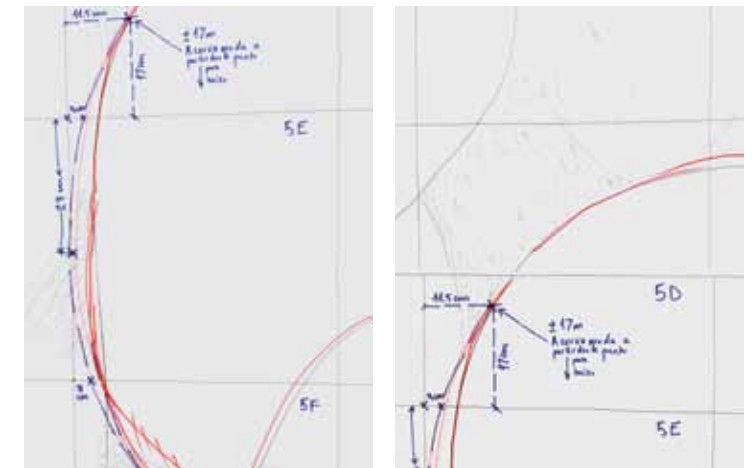


**SALA BRANCA**

Para o desenvolvimento das peças criadas para a Sala Branca – Tapete para Burle Marx – foram propostos exercícios de observação, análise e tradução dos jardins de Burle Marx e das plantas utilizadas pelo paisagista para a técnica de crochet. Nesses laboratórios de imersão privilegiamos as criações livres das artesãs, que adaptaram o conhecimento das técnicas tradicionais e inventaram novas possibilidades a partir de ideias que surgiram durante o processo de trabalho. Como exemplo, temos a invenção das peças Chuveirinhos ou Flor Doida, assim denominadas pelas próprias artesãs. A primeira, baseada na planta Nellymbuco Nucifera, ganhou formas distintas e variadas combinações de cores, fios e tamanhos; a segunda, Flor Doida, tomou forma a partir da reconfiguração de receitas tradicionais, somada à invenção livre para obter o resultado desejado.



Esquema de montagem de Jardim para Burle Marx (Sala Branca)



Desenhos-base realizados em escala real para a montagem da sala branca.



Jardim para Burle Marx (Sala Branca), no Centro Cultural Banco do Nordeste, em Juazeiro do Norte-CE.









# BURLE MARX EM FORTALEZA CONDENOU AS CAIXAS D'ÁGUA

Imagem: Arquivo Jornal O POVO

Ontem, às 20 horas, no "roof" do San Pedro Hotel, o paisagista Roberto Burle Marx, de 63 anos, trajando terno listrado com camisa azul de listras horizontais brancas, gravata preta, com o seu arquiteto participante da equipe, Haru-yoshi Ono, deu uma entrevista coletiva à imprensa, ocasião em que teve comentário sobre o que deveria se fazer em Fortaleza no que concerne à urbanização e paisagismo. De início, lamentou profundamente que numa cidade que possui grandes áreas geográficas disponíveis construa-se edifícios com vários andares, prejudicando demasiadamente a paisagem. Condenou as construções das caixa d'água em pleno centro da cidade, afirmando que "era um crime e de nenhuma maneira se justifica que se ponha abaixo árvores centenárias para se construir aberrações de concreto". Com sua equipe - dois arquitetos, um deles não veio, José Tabacour irão fazer um levantamento de toda a região fortalezense, e voltando em novembro para orientar os trabalhos que serão de imediato iniciados.

### SEJAMOS AUTÊNTICOS

Aconselhou que se plantasse árvores regionais, "pois o europeu vem ao Brasil e deseja ver aqui plantas e culturas brasileiras e não reproduções, quicá malfeitas, do que já viu e existe na Europa."  
Na Av. Aguanambi sugeriu que se plantasse trepadeiras e elogiou o projeto da Emcetur transformando o prédio da ex-casa de Detenção num Centro de Turismo, pois, "além de se preservar um prédio, lindíssimo, do século passado, poder-se-ia plantar determinadas árvores características do solo nordestino, como o imbué, o mandacariú e outras que dariam à paisagem um aspecto bastante original."  
No que concerne à Praça do Ferreira, levantou a hipótese de que se deveria proibir o tráfego de veículos, "a exemplo do que ocorre com a Praça de São Marcos, em Veneza, que

para se ter acesso é necessário que se vá a pé". Quanto à Praça Clóvis Beviláqua, classificou-a como "um crime" que ora se fez ali, destruindo árvores para a construção de reservatórios d'água.

"Acho um contrassenso fazermos plantações de culturas estrangeiras, como ocorreu no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde se pretendu plantar árvores de climas polares num clima tropical".

"Aqui, o que se deve fazer é preservar a flora e fauna e manter um equilíbrio ecológico na região, pois a terra pertence ao povo e não aos industriais e incorporadores que a pretexto de melhorar as condições de vida devastam as florestas para construir verdadeiros galinheiros como os Conjuntos Habitacionais do BNH."

### NA AMAZONIA

Resaltou que a construção da Rodovia Transamazônica, caso não seja bem estruturada, prejudicará em muito a flora brasileira e como membro do Conselho Nacional de Cultura e Conselho Nacional de Planejamento advertiu sobre o que ora se faz na Amazônia.

Perguntado o que achava do trabalho dos irmãos Villa Boas, afirmou que "é de uma extraordinária beleza e que vêm desenvolvendo e lamentando profundamente que a Rodovia que ligará Cuiabá a Manaus tenha que cortar o Parque Nacional do Xingú". Não só o início como a flora e a fauna devem ser preservado em todo o território Nacional, acrescentou. Exortou os jornalistas a fim de que façam uma campanha sobre o Dia do Arvore, não deixando que se transforme em dia dos pais, e sim num dia que se conscientize a população e o povo de um modo geral, alertando-os contra a devastação das florestas, e não apenas transformando a data, como outra qualquer que apenas se faz representar simbolicamente."

### AMOR ÀS PLANTAS

Afirmou na palestra mantida com os jornalistas que o perguntaram como adquiriu o amor que nutre pelas plantas. "Foi na época em que minha família se transferiu da Alemanha e aqui vimós como se mantinha em jardins botânicos verdadeiras espécies de culturas brasileiras, advertindo-me de como os brasileiros de um modo geral não davam atenção.

Citando o escritor Rui Barbosa Rodrigues, que escreveu "Os Palmeares", refutou de imediato uma pergunta em que o punha como o precursor da preservação da flora brasileira: Disse apenas: "Sou um amante das árvores. Que me importa que se dane o resto do mundo?" - fez assim. Condenou que se pintassem as plantas de branco, como é costume nas grandes metrópoles, pois assim se dá uma espécie de colete, de que elas não necessitam. É simplesmente ridículo".

### BRASÍLIA

Tendo projetos executados nas principais metrópoles do mundo, Burle Marx, ultimamente, vem-se dedicando a trabalhos de grande porte, em virtude de que os projetos domiciliares que constantemente lhes são solicitados pelo milionários, não lhe interessam uma vez que esta mais preocupado com o meio ambiente de um modo geral, do que o exótico modo de um mero industrial. No próximo dia 10 viajará ao Equador, onde novos problemas lhes serão apresentados a fim de que os solucione. Solicitado a que apontasse uma cidade modelo no Brasil, afirmou que ainda continuava sendo Brasília, apesar dos erros de que se tem cometido nas últimas administrações. Quanto a Belo Horizonte, pode-se dizer que também não fica atrás, embora não supere a Capital Federal.



NATUREZA (DA SÉRIE 'BUNKER, O HOMEM ILHA') 2005

Vídeo projeção em quatro monitores LCD 32" | Duração: 30' (modo looping)  
Imagens originais captadas por Capitão Friedeich Johann Heinrich Shenk (1876-1959), no período 1932-1938  
| Arquivo: Família Schenk, Suíça. Cedidos à artista em 2004 | Formato: filme 16 mm telecinado e transferido para formato DVD: mudo, PB | Locais: viagens realizadas no percurso entre Hamburgo, Alemanha e Buenos Aires, Argentina | Concepção e direção de edição: Ana Maria Tavares | Edição: Juliana Mori e Pedro Perez Machado | Coleção da artista.





**ALÇA I E III** 2000

Aço inox e borracha | 55 x 20 x 18cm  
Edição: 6 | Coleção da artista



**COLUNA COM BANCO DE ELEVADOR** 1997

Aço inox, couro branco, madeira e espuma  
420 x 48 x 30 cm | Tiragem: 10 | Coleção  
João e Gaspar Tavares Pini

## Fachadas Insanas (Biombos da série Condomínios)

NATURAL—NATURAL PAISAGEM E ARTIFÍCIO

Minhas estadas cada vez mais prolongadas e intensas na cidade de Fortaleza provocaram deslocamentos de ordens distintas. O mais óbvio é o deslocamento físico; o mais radical gerou rotações mentais curiosas, baseadas em associações do que era visto, percebido ou sentido, com um conjunto de questões de grande interesse, presentes em meu trabalho mais recente.

Na cidade, a arquitetura parece construir o contorno mutante de um lugar que se quer novo e modernizado e que se exhibe em desafio à natureza, numa espécie de provocação ou duelo que não se deixa silenciar. Embate duro e insistente este, pois o contexto é potente: sal, sol, areia, vento e mar. A escala é macro. O corpo cala. Fachadas se expõem imponentes, natureza as contamina.

Praia do Futuro. Utopia.

Futuro do Pretérito: hipótese, incerteza, irrealidade.

Fato.

Não é possível anestesiar a natureza.

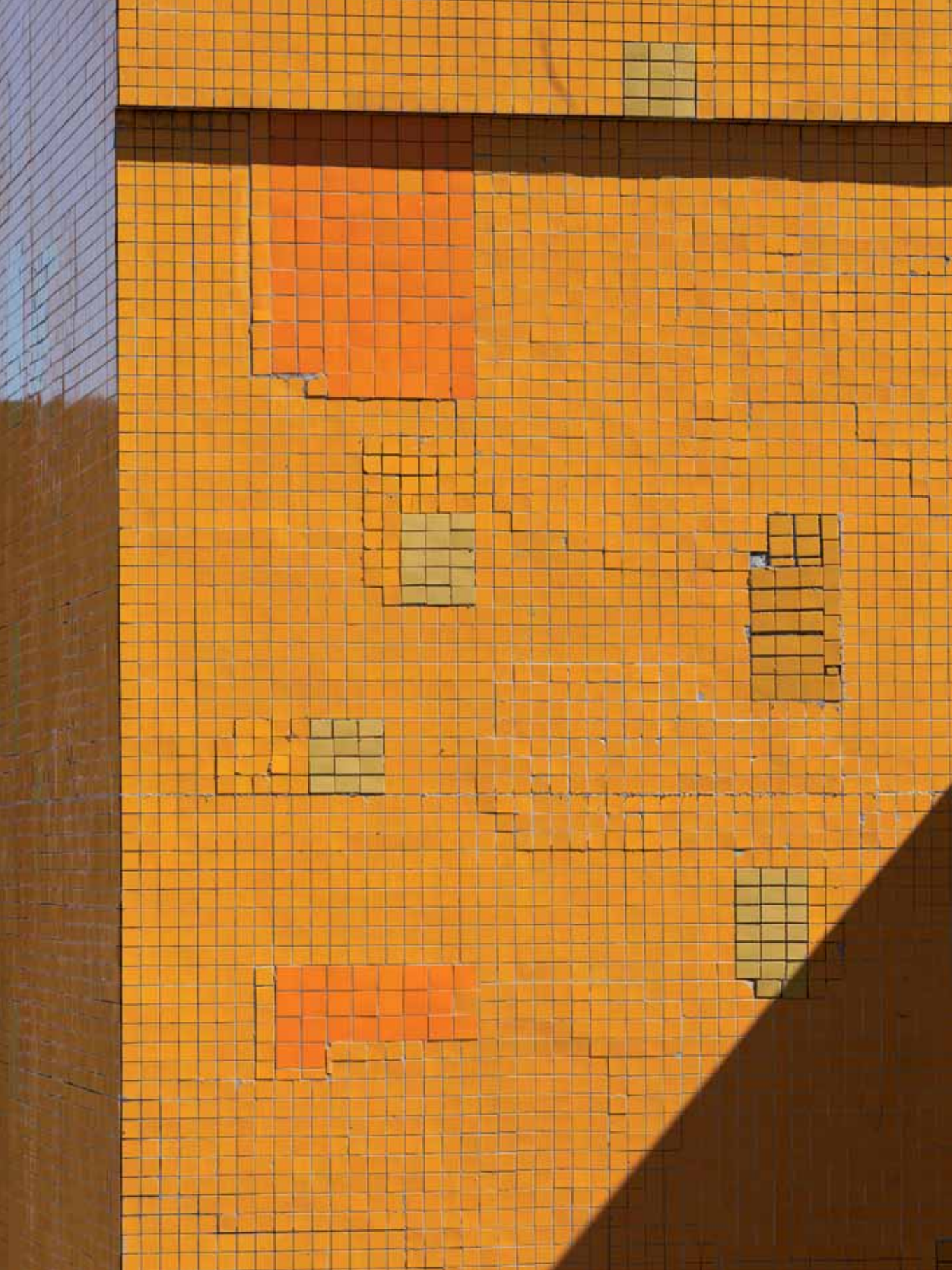
Fachadas Insanas.



















A beleza já pode ser vista ao longo da avenida que dá acesso à Praia do Futuro

## A realidade do sonho de antecipar o futuro

A crescente agressão vivida pelo homem nas zonas essencialmente urbanas das cidades, levou grande parte das pessoas a preferirem morar em locais onde, o encontro com a natureza propicie momentos de paz e tranquilidade. Em Fortaleza, por exemplo, tornou-se comum a preferência de um contingente considerável da população, por áreas antes inexploradas. A Praia do Futuro, como acertadamente foi denominada, no passado atraiu adeptos por sua imagem quase desértica e uma brisa suave que tocava leve o rosto dos visitantes. Hoje, mantendo as mesmas características iniciais, o local, contudo, a todos os que chegam a fiar. O crescente número de apartamentos residenciais revela uma nova face dos interesses e preferências individuais de cada um.

Bem localizada e bem pertinho do futuro, a praia passou a ser o lugar ideal para morar. A maioria das residências possui uma visão panorâmica muito convidativa. Com fácil acesso, a Praia do Futuro já começa a fazer parte do presente. Raimunda Alencar Matias, jornalista, e que reside há dois anos na área, diz ter encontrado ali o local ideal para viver. "Primeiro porque fica relativamente perto de tudo. Depois, vem a questão do clima extremamente agradável. Após ter vindo morar aqui, passei a me sentir muito mais saudável!" Paula Azevedo Lima, arquiteta, também prefere o local por um motivo muito simples. "Tinha um problema de sinusite crônica, e o clima daqui me propiciou tanto bem-estar que há tempos não tenho tido crises".

### OUTRAS OPÇÕES

Além da beleza e simplicidade

do mar azul, coberto por ondas rasteiras que banham a areia com a suavidade da espuma, os habitantes ainda contam com uma série de outras atrações. Ao longo da areia, barracas coloridas de pano entra em contraste com o mundo de cores que se misturam as roupas de banho e o dourado da pele de turistas e banhistas comuns. "Eu curto demais isso aqui. Em Fortaleza, a única praia que ainda pode ser frequentada pelas pessoas é a do Futuro. Todos os domingos junto os amigos e venho comer caranguejo aqui. É onde existe o melhor da cidade", diz a estudante de Enfermagem, Maria Auxiliadora de Menezes.

Crianças e adultos misturam-se num panorama rico de sonhos e cores. Nas pequenas covas que se abrem na areia, as crianças fazem a festa. Meninos e meninas se espalham e se misturam num movimento onde a liberdade parece ser a dona de tudo. "Aqui a praia é bem menos poluída que as demais. Quando venho com as crianças, e sei que elas não resistem a tentação de cair na água, o local, preferido é sempre a Praia do Futuro", diz Maria Franco Costa, mãe de duas crianças. Num local à parte, uma peladinha é sempre uma boa pedida e uma forma divertida de relaxar a tensão do dia-a-dia.

### HOTÉIS E PROJETOS

Clubes, barracas e forró. Com um jeito simples e despreocupado, turistas e banhistas não precisam de grandes motivos para se divertirem. As famosas barracas com nomes sugestivos e bem caracterizadas pelo bom atendimento, promovem a alegria e o entretenimento de todos que por ali chegam. Todas oferecem banhos de



O prazer de desfrutar da tranquilidade e da natureza do mar sem preocupação



O Praia Verde, numa iniciativa de oferecer mais comodidade aos visitantes

Água doce e o prato de destaque da casa: o caranguejo. "Já fiquei viciado nestes caranguejos. Posso

até ter outro compromisso e não estar disposto a vir a praia. Quando me lembro do sol, da cerveja e

do tira-gosto não resisto e acabo rasteira", observa o engenheiro Nereu Barreira.

A rede hoteleira também chega ao Futuro em forma de presente. Para uma área que cresceu e atraiu o bom gosto do visitante pela sua beleza natural, a instalação de um hotel de luxo como o Praia Verde, tornou-se imperativo e necessário para acomodar bem-estar e as exigências individuais de quem chega. Outros projetos mais audaciosos prometem dar o destaque final à Área. A criação de um apart-hotel como o "Tiffany's Sea", projetado pelo paisagista Burle Marx, reunirá bom gosto, investibilidade e a opção de morar bem.

### AS OPINIÕES

Os frequentadores da praia entendem que a elaboração de projetos que venham valorizar o local, antes de mais nada, tende a selecionar cada vez mais o nível de seus frequentadores e ainda, a assegurar à praia a garantia de uma infra-estrutura completa. "Já que todos os espaços tendem mesmo a ser ocupados, a preferência é que isso aconteça de forma equilibrada e razoável, de modo a proporcionar aos banhistas e visitantes um panorama gostoso e convidativo", ressalta a publicitária Carla Nogueira Acielli.

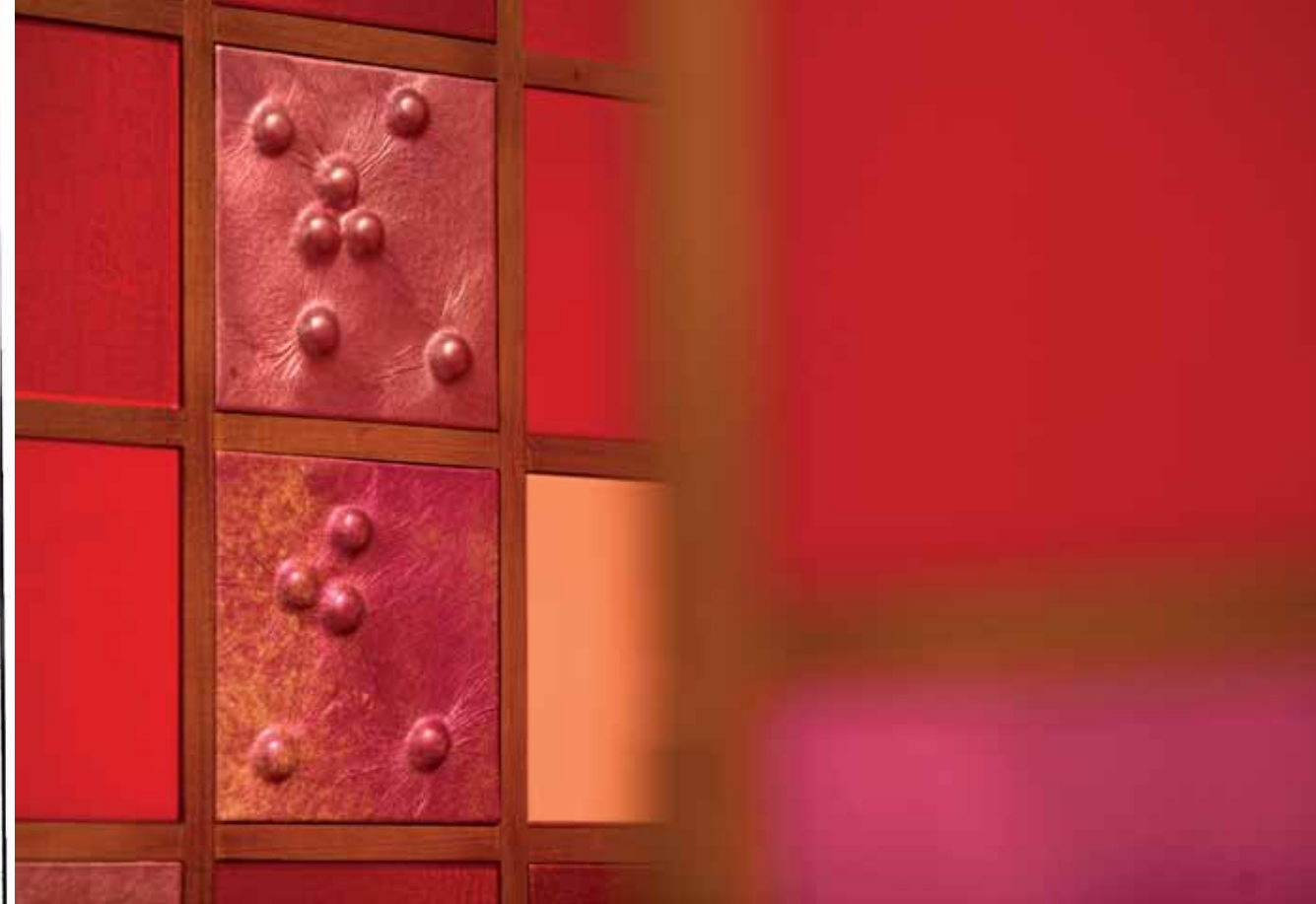
Gecy Maciel, uma turista que veio de Brasília conhecer Fortaleza e está hospedada no hotel Praia Verde, diz eufórica que "esta praia é maravilhosa". Afirma estar encantada com a hospitalidade do povo cearense e com a beleza do litoral. Uranita Bevilacqua, também turista, veio acompanhar Gecy e mais duas outras amigas no passeio ao Ceará. Ela conta, que apesar de não ter sido ela

quem fez a escolha do hotel, achou o local muito agradável. "Farece que nesta área são poucos os hotéis de luxo que existem. O Praia Verde foi uma boa iniciativa. Já ouvi falar em outros projetos..." Uranita ratifica as palavras da amiga quando se refere a hospitalidade dos cearenses: "Nunca vi pessoas tão boas e tão gentis como as que se encontram aqui".

### POLO DE LAZER

Além de bares, barracas e outras atrações constantes da praia, tornou-se também comum a instalação de clubes. A exemplo do Clube do Médico, da Engenharia e dos Advogados. Sem falar das vantagens de se poder contar com a expansão de gabinetes de beleza e pólos de lazer. Um dos primeiros pólos implantados em Fortaleza, o da Praia do Futuro, possibilita o acesso de adultos que podem ir ao mar, a qualquer hora, com as crianças. "Prefiro vir à Praia do Futuro porque aqui a tranquilidade é bem maior. Chego cedo com os garotos, arme rede, trago merenda de casa e não me preocupo com o resto. Enquanto tomo sol, os meninos ficam quietos aí, ou mesmo se lendo. Mas é sempre mais seguro", garante Maria de Marillac Lucena.

Beleza, tranquilidade e natureza é um sonho que se projeta para o futuro. A preservação do belo, como forma de integração entre a vida e o essencialmente natural, de um aparente modernismo, transformou-se numa imposição da sobrevivência humana. Distanciar a imponência do concreto com a suavidade do mar é tão necessário, quanto manter puro o ar que se respira.



### FACHADAS INSANAS (BIOMBOS DA SÉRIE CONDOMÍNIOS) 2013

Madeira, acrílico, poliestireno, poliéster espelhado, couro metalizado e aço cromado | 32 m<sup>2</sup>

A obra FACHADAS INSANAS (BIOMBOS DA SÉRIE CONDOMÍNIOS) foi concebida por Ana Maria Tavares e realizada em colaboração com Celina Hissa.

### Coordenação de Produção

Atelier Ana Maria Tavares

e Celina Hissa

### Artesão convidado

Francisco das Chagas Santos







**AZULEJOS POROS**  
**(DA SÉRIE CONDOMÍNIOS) 2013**

Impressão sobre papel Hahnmühle  
Photo Rag 308g, bordado em ponto  
arroz, vidro e madeira freijó  
83 x 83 x 6 cm

**Coordenação de Produção**

Atelier Ana Maria Tavares e Celina Hissa

**Artesã convidada** Benedita Áurea de Sales







“A natureza dos espaços construídos é tal que somos condicionados a aceitar suas condições, geralmente sem questionar que algumas premissas estão sob consideração. No ambiente urbano no qual a maior parte de nós habita, a presença esmagadora da arquitetura cria uma invisibilidade correspondente, onde os tipos de decisões que fazem parte do design, escala e detalhamento de uma edificação são acessíveis somente aos especialistas, enquanto o resto de nós ocupa uma condição passiva frente à frente aos espaços nos quais nos confrontamos diariamente. De fato, tal condição parece ser inerente à condição da vida na cidade, donde a estrutura que abriga as inúmeras e inquestionáveis amenidades de nossas rotinas diárias é tão esmagadoramente fora de escala para nossos corpos que nós preferimos não investigar profundamente suas especificidades. Mesmo nos momentos quando alguns aspectos negativos da arquitetura chamam nossa atenção, esse reconhecimento é geralmente acompanhado de uma sensação de futilidade, tal como reconhecer que esse mundo é tão presente fisicamente, tão massivo, que nós podemos apenas observar suas fachadas com um sentimento de total impotência.”

Dan Cameron (2000), em **“Tearing down the Wall”**. Texto do catálogo de Mônica Bonvicini



# Vitórias Régias para o Rio Cocó

NATURAL—NATURAL PAISAGEM E ARTIFÍCIO

Vitórias Régias encapsuladas, natureza em suspensão.  
Pequenas joias dispostas para observação à distância.

Micropaisagens da memória.  
Miragens, visões de uma identidade transitória, móvel, feminina

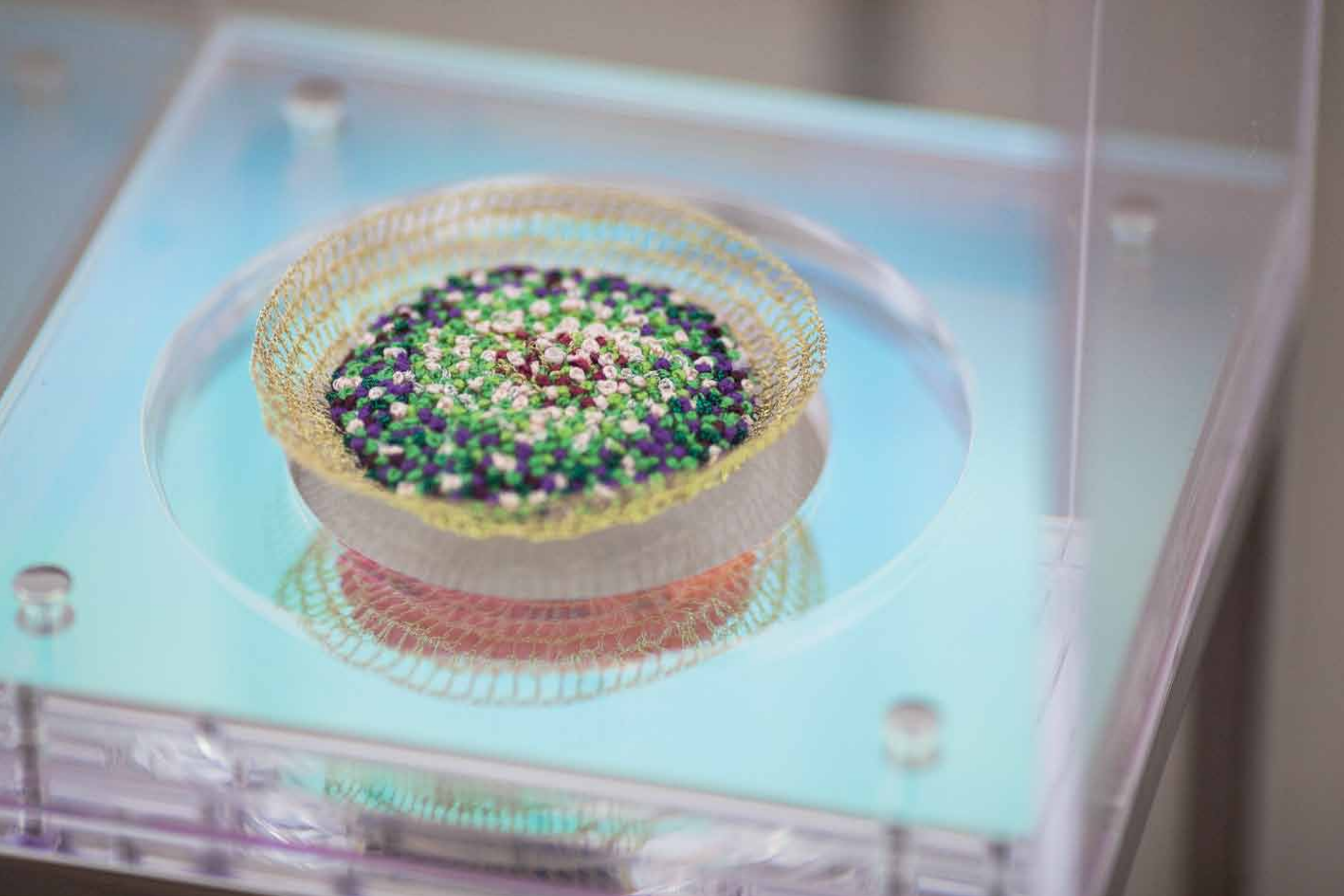
Natura In-Vitro







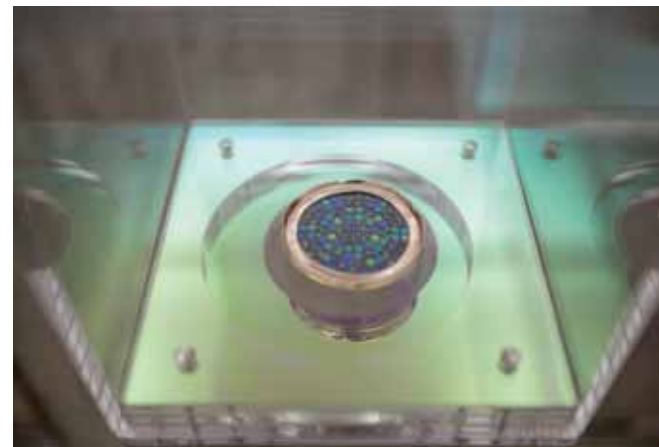
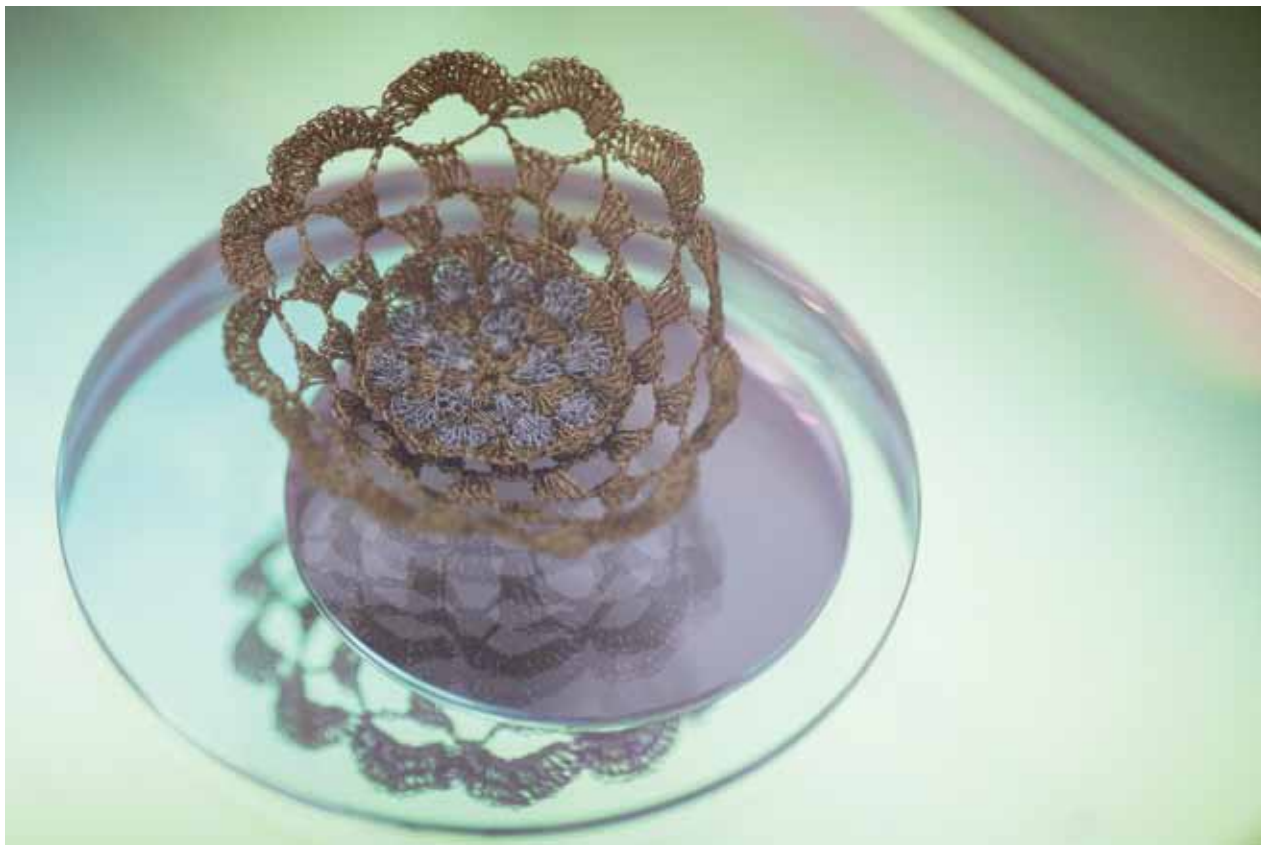












## VITÓRIA RÉGIA

Como parte da proposta de trabalho com os artesãos, os laboratórios de imersão objetivaram estimular a criação a partir do estudo dos jardins de Roberto Burle Marx em Fortaleza e das reflexões que minha obra vem propondo em relação ao projeto moderno, em especial, aqui, à produção e ao pensamento do paisagista. Nosso processo de trabalho teve início com a criação de um contexto que possibilitasse uma aproximação às ideias, aos conceitos e às técnicas presentes em meu trabalho, a fim de facilitar a tradução destes para as técnicas artesanais. Vemos aqui reunidos um pequeno conjunto de combinações de fios e pontos de crochê e bordado que resultou na criação da instalação Vitórias Régias para o Rio Cocó. Neste projeto optamos pela redução da escala e pela criação de uma série de experimentações, observando a variedade de formas e cores encontradas nas Vitórias Régias, o que nos conduziu, ao final deste processo, a uma interpretação e a uma combinação mais livre, abolindo completamente a cor e chegando à elaboração de peças mais abstratas, as quais denominamos “flutuantes”. É curioso constatar que para tal desenvolvimento foi necessário abrir as gavetas de casa e buscar referências nas receitas dos delicados pequenos forros de mesa, comuns em antigos enxovais.

## VITÓRIAS RÉGIAS PARA O RIO COCÓ (I A XVI) 2013

Tecidos e fios diversos, acrílico, aço inox, nióbio, ouro rosa, cobre | Medidas Variáveis

A obra VITÓRIAS RÉGIAS PARA O RIO COCÓ foi concebida por Ana Maria Tavares e realizada em colaboração com Celina Hissa. Sua elaboração é resultado das proposições dos laboratórios de imersão, LAB -01 e LAB -02: Reconstruções de Paisagens.

### Coordenação dos Laboratórios

Ana Maria Tavares e Celina Hissa

### Coordenação da Produção

Atelier Ana Maria Tavares e Celina Hissa

**Artesãos Convidados** Benedita Áurea de Sales, Helena Fideles da Silva, Julia Fideles da Silva, Oscar Cordeiro Menezes, Tatiana Santos da Silva, Verônica Vieira dos Santos, Wilza Lima Pereira

(foto acima)

### VITÓRIA RÉGIA 2011

10mm x 72 mm ø

Nióbio, cobre e ouro rosa

Esta peça, concebida por Ana Maria Tavares, foi realizada pela artista Marina Sheetikoff (São Paulo, 1961)



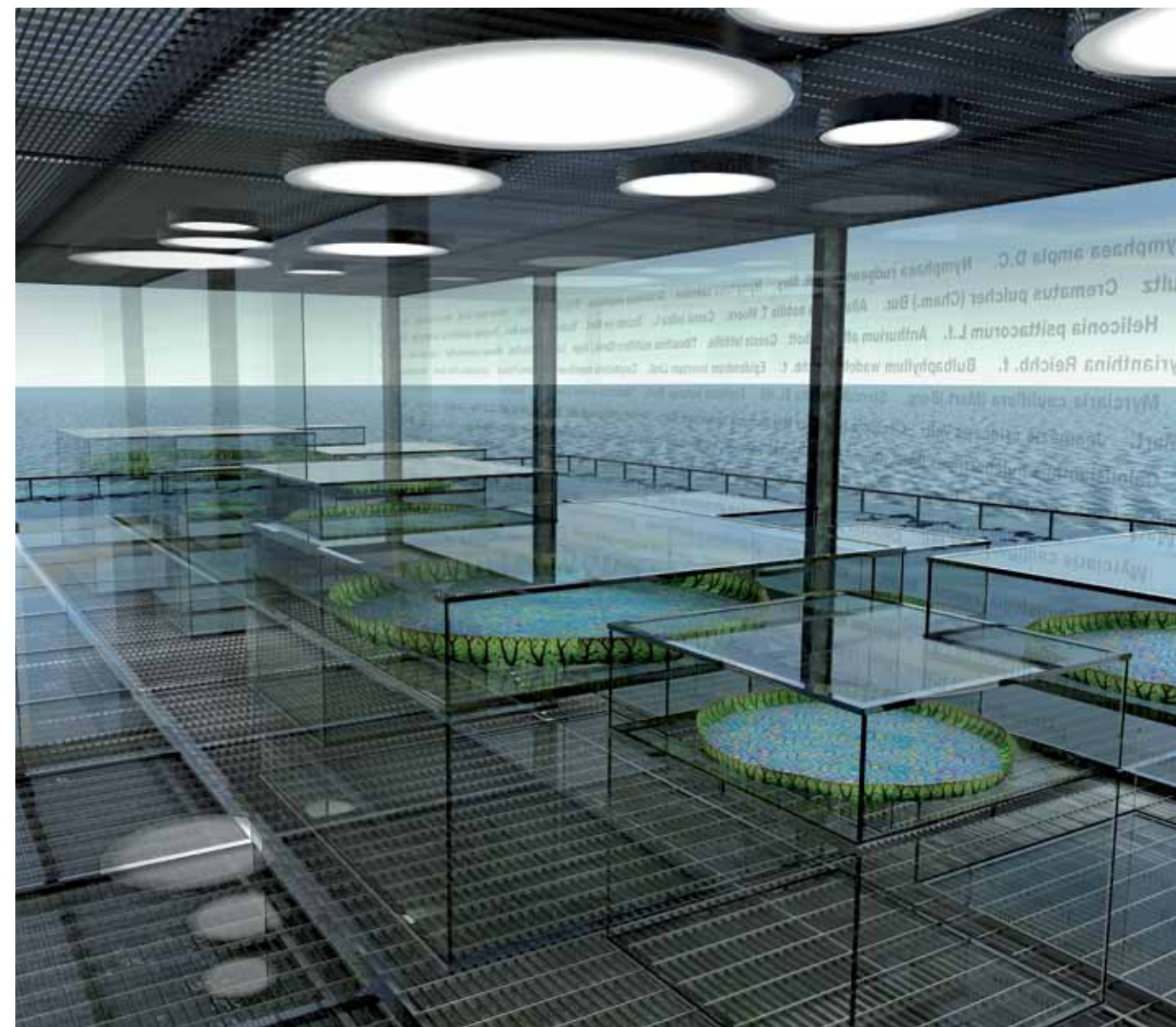
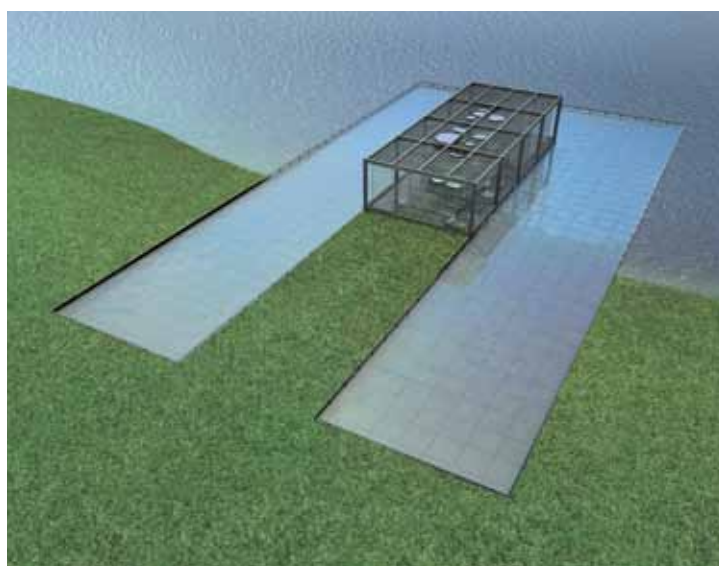
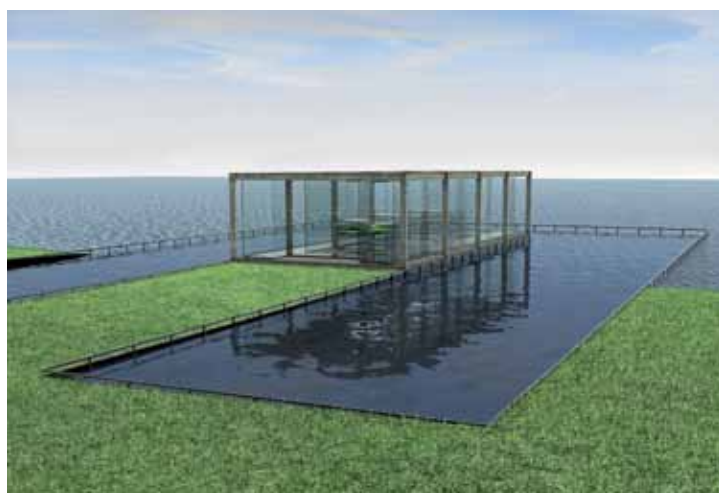
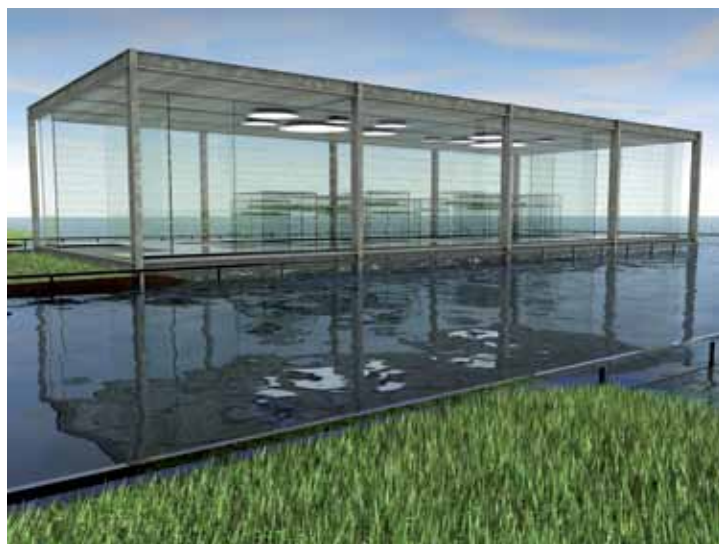




**PAVILHÃO PARA BURLE MARX:  
OBSERVATÓRIO DAS ÁGUAS.  
ENSAIO PARA O RIO GUAÍBA 2009**

Modelação digital e impressão  
fotográfica | 37,5 x 50 cm  
Coleção da artista

Estudo para implantação da obra  
Observatório das Águas: Pavilhão  
para Burle Marx no Lago Guaíba,  
em Porto Alegre, desenvolvido  
como parte do projeto “Margens”,  
de curadoria de Guilherme Wisnik,  
proposto pelo Itaú Cultural em  
2009. O Observatório, que seria  
administrado por adolescentes  
engajados na defesa das águas do  
Lago Guaíba, sob a orientação do  
geólogo Prof. Dr. Rualdo Menegat,  
da UFRGS, foi pensado para  
ser construído às margens do  
Guaíba tendo, ao seu redor, uma  
piscina de água tratada para o uso  
público. A obra propunha engajar a  
população em ações que visariam  
reverter a condição “enferma” do  
mais importante manancial de  
abastecimento de água da cidade  
de Porto Alegre.



**LAGO GUAÍBA**

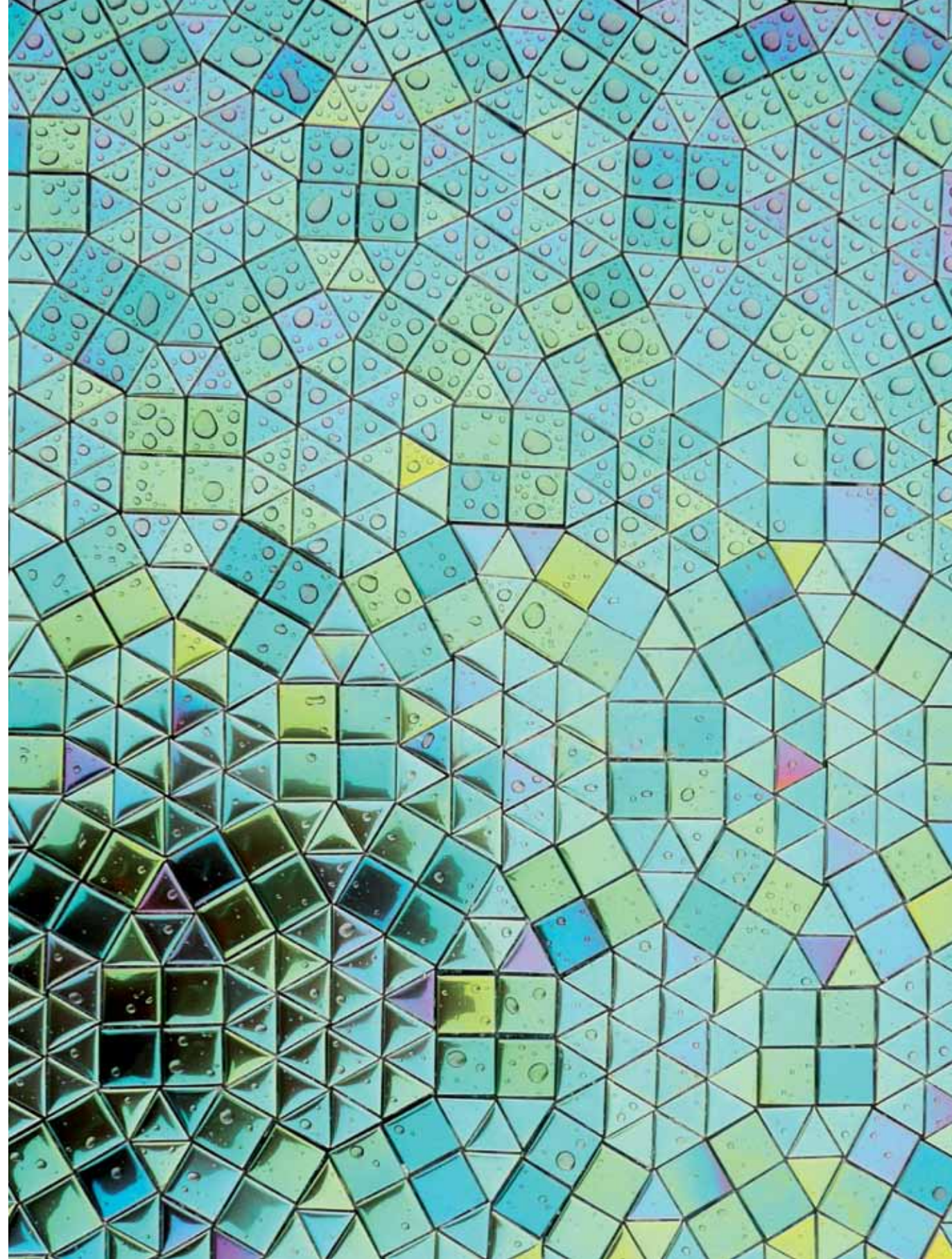
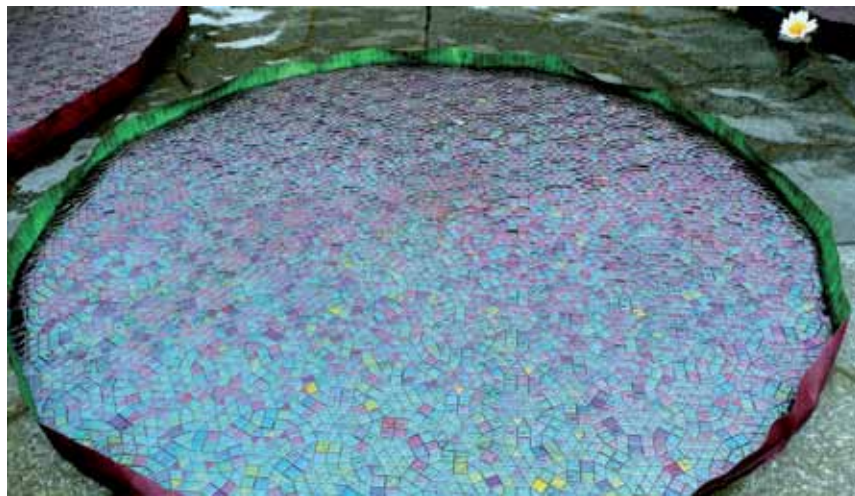
Extensão da margem: 85 km de terra à margem esquerda (sendo 70 km no município de Porto Alegre) e 100 km à margem direita. Área: 496 km<sup>2</sup> – começa na ponta da Usina do Gasômetro, no Centro de Porto Alegre, e percorre 50 km até encontrar a Laguna dos Patos. Volume de água: 1,5 km<sup>3</sup> aproximado. Vazão do Lago Guaíba: 2,2 milhões de litros/segundo. O manancial recebe carga poluidora de várias naturezas, incluindo os esgotos domésticos *in natura*, ou parcialmente tratados, além de efluentes industriais e agrícolas. As águas do Guaíba apresentam variações de qualidade, com mais prejuízo nas áreas de margem, onde ocorre menos dispersão das cargas poluentes afluentes. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/dmae/default.php?p>





**VITÓRIAS RÉGIAS (PARA NAIHAH) 2008**

Mosaicos de aço inox colorido, borracha e espuma de policarbonato | Diâmetros: 300 cm, 200 cm e 120 cm | Vista geral da intervenção | Blooming Now! Brazilian Contemporary Art. | Toyota Municipal Museum of Art, Japão, 2008.

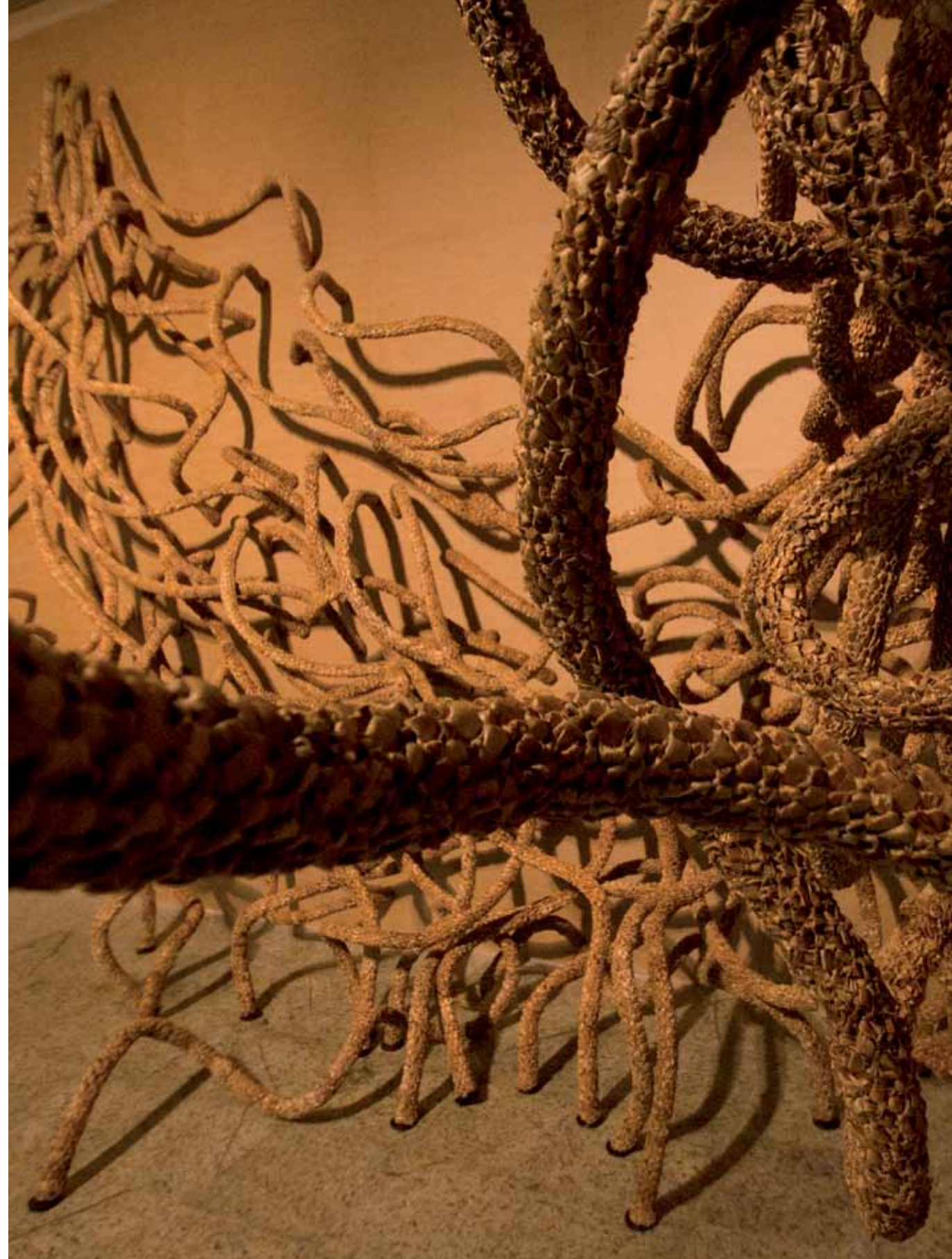




Uma vez iniciados os trabalhos dos laboratórios de imersão muitas investigações de técnicas e processos se deram. Naturalmente, o exercício de rever minha própria produção passou a ser tarefa indispensável e coletiva e foi, aos poucos, favorecendo uma convivência continuada de temporalidades que dilatou ainda mais o sentido de presente. Aqui e uma vez mais o projeto **Natural-Natural** reafirmava a noção de presente histórico, anunciada por Lina Bo Bardi. Passado e presente se embrenharam numa única polifonia, amplificando nossos sentidos. Ao buscar Burle Marx encontramos Pandanus e, ao examinar Pandanus, encontramos a própria obra. Instaura-se assim uma circularidade cuja consequência é a constatação de que Pandanus já habitava a obra.

O selvagem, o indomável; o apolíneo e o dionisíaco, o barroco; o caos e a ordem, o desejo de controle e a vocação para a o delírio e o convulsivo e, por fim, a contaminação, retomam um lugar de evidência nesta sala, perfazendo uma dobra inevitável sobre mim mesma que transformou a experiência deste projeto em um laboratório para uma revisão não anunciada, mas extremamente revigorante de minha produção.

Encontrar no sertão do Ceará uma comunidade que inventa e desenvolve uma técnica de aproveitamento de matéria natural, a palha de bananeira, a qual permite a confecção de qualquer tipo de forma e objeto, nos inspirou a prosseguir em direção à realização de Pandanus. Talvez preocupados com o volume do pedido, não nos surpreendeu a dúvida na aceitação da encomenda. Aos poucos a virada se deu e vimos a mobilização e o envolvimento de toda uma comunidade. A obra final foi realizada aqui nos últimos dias de preparação da exposição e se configura como uma experiência de liberdade e de confiança na qual o processo, o acaso e a imaginação marcam seu lugar para nos mostrar, entre outras coisas, que toda obra tem o tamanho do desejo.









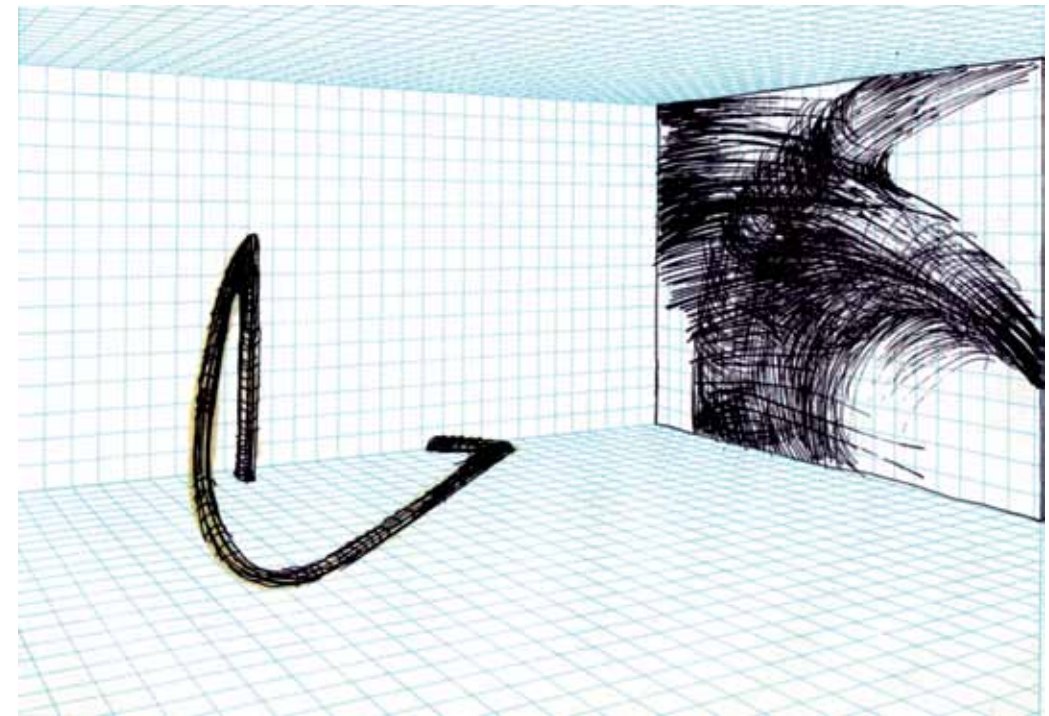
Pandanus Veitchii, popularmente chamado de Língua-de-sogra, foi descoberto pelo grupo em nossa visita ao jardim do TJA, chamando nossa atenção pelo incrível volume das raízes que se ascendem verticalmente do chão até quase as copas das árvores ao redor. Suas raízes formam um emaranhado impossível de penetrar, ao mesmo tempo em que suas folhas se projetam em copa luminosa como uma grande sombrinha ao sol: impossível de esquecer. Associamos estas raízes aos materiais com aparência mais orgânica, como o rami, e iniciamos a busca de técnica e material apropriados para recriar Pandanus. A palha de bananeira, colhida e tratada pela comunidade de artesãos da cidade de Ubajara, nos forneceu a solução. As amostras aqui selecionadas fazem parte do variado conjunto de pontos, formas e texturas que investigamos para a realização da instalação Pandanus. Ao longo do processo de trabalho foram detectadas muitas relações interessantes dos experimentos que surgiram a partir da observação do Pandanus com minha produção, em especial aquelas originadas durante o mestrado realizado em Chicago e, posteriormente, o período que compreende os anos de 1980 a 1990. Algumas destas obras, até hoje inéditas no Brasil, foram escolhidas para compor a Sala Pandanus.



**ORGANISMO LUZ I** 1985 | Grafite sobre papel, pastel seco | 63,5 x 85 cm | Coleção da artista

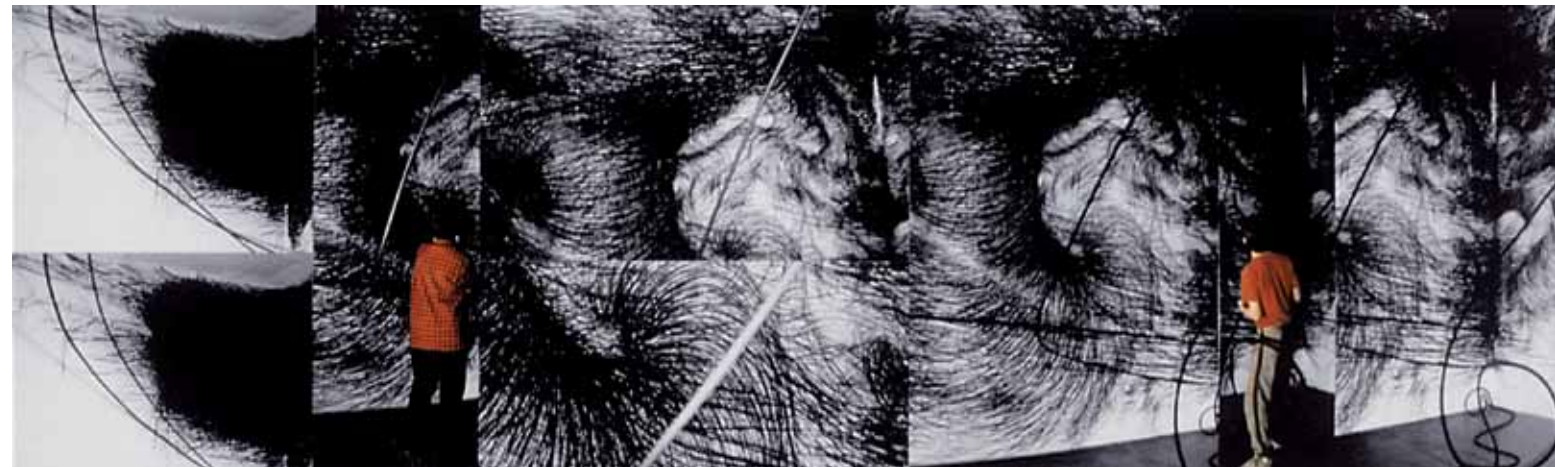
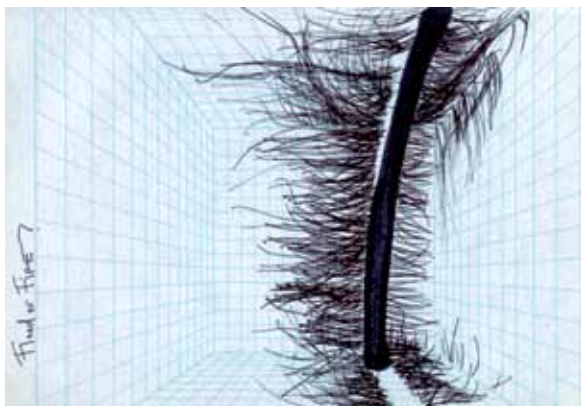






**SEM TÍTULO** 1985

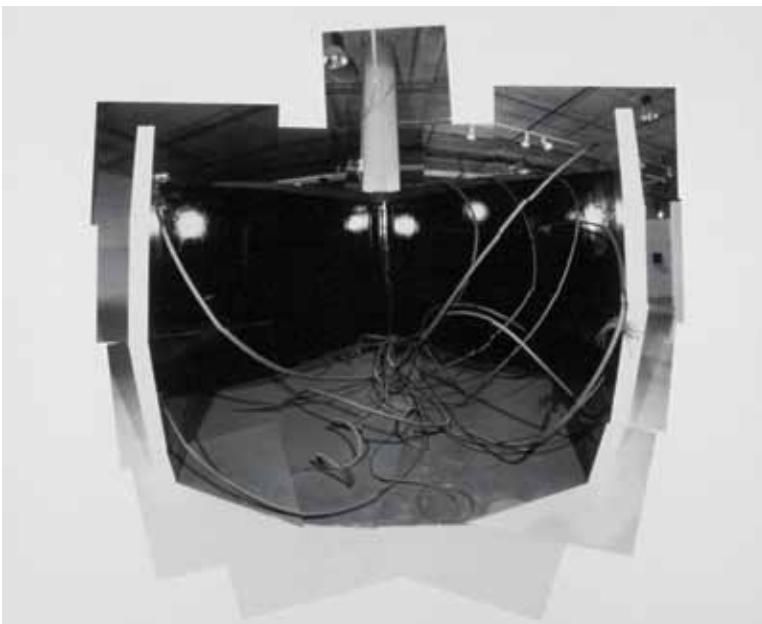
Cadernos de desenhos em bico de pena, realizados pela artista em Chicago/ EUA durante o período de realização do mestrado em The School of the Art Institute of Chicago (1984-1986)



**CANTOS** 1985

Instalação | Grafite, aguada, bastão a óleo, bastão de prata, tarugo de aço inox, tubos de borracha | 40 m² | The School of the Art Institute of Chicago. USA | Fotomontagem: Eduardo Brandão e Ana Maria Tavares 42 x 98 cm | Coleção da artista





**UNTAMEABLE POCKET** 1986

Instalação | Tinta à base d'água, tinta sintética, tubos de borracha, tarugo de aço carbono | 20 m<sup>2</sup> | MFA Thesis Show. School of the Art Institute of Chicago. USA | Fotomontagem: Steve Perry | 99,5 x 80,5 cm | Coleção da artista



**RUNNING WALL** 1986

Instalação | Grafite, aguada, bastão a óleo, bastão de prata, tarugo de aço carbono, tubos de borracha | 70 m<sup>2</sup> | Superior Street Gallery, Chicago. USA | Fotomontagem: Steve Perry | 41,5 x 102 cm | Coleção da artista





## PANDANUS 2013

Instalação. Medidas variáveis

Palha de bananeira, espuma de polietileno expandido, papel craft, aço carbono, juta e aço carbono

A obra PANDANUS foi concebida por Ana Maria Tavares e realizada em colaboração com Celina Hissa a partir do trabalho dos artesãos da ART PABA – Associação dos artesãos da Palha de Bananeira/Ubajara, das artesãs de Itaitinga e do Morro de Santa Terezinha, Ceará.

### Coordenação da Produção

Atelier Ana Maria Tavares e Celina Hissa

### Artesãos Convidados – Palha de Bananeira

Freuda Maria Lima de Sousa, Lúcia de Castro Costa, Lucilene Costa Melo, Maria Cleonice Gomes de Sousa, Maria de Jesus Rodrigues de Sousa, Maria Sueli Costa Lima, Rômulo de Sousa Carvalho, Stalin de Sousa Carvalho.

### Artesãos Convidados – Crochet

Antonia Maria Alves de Lima, Auzirene Moura de Lima, Elenir Fideles da Silva, Francisca Aldenice de Souza Felix, Helena Fideles da Silva, Julia Fideles da Silva, Maria da Conceição Santos Marques, Renata de Sousa Ribeiro, Veronica Vieira dos Santos.





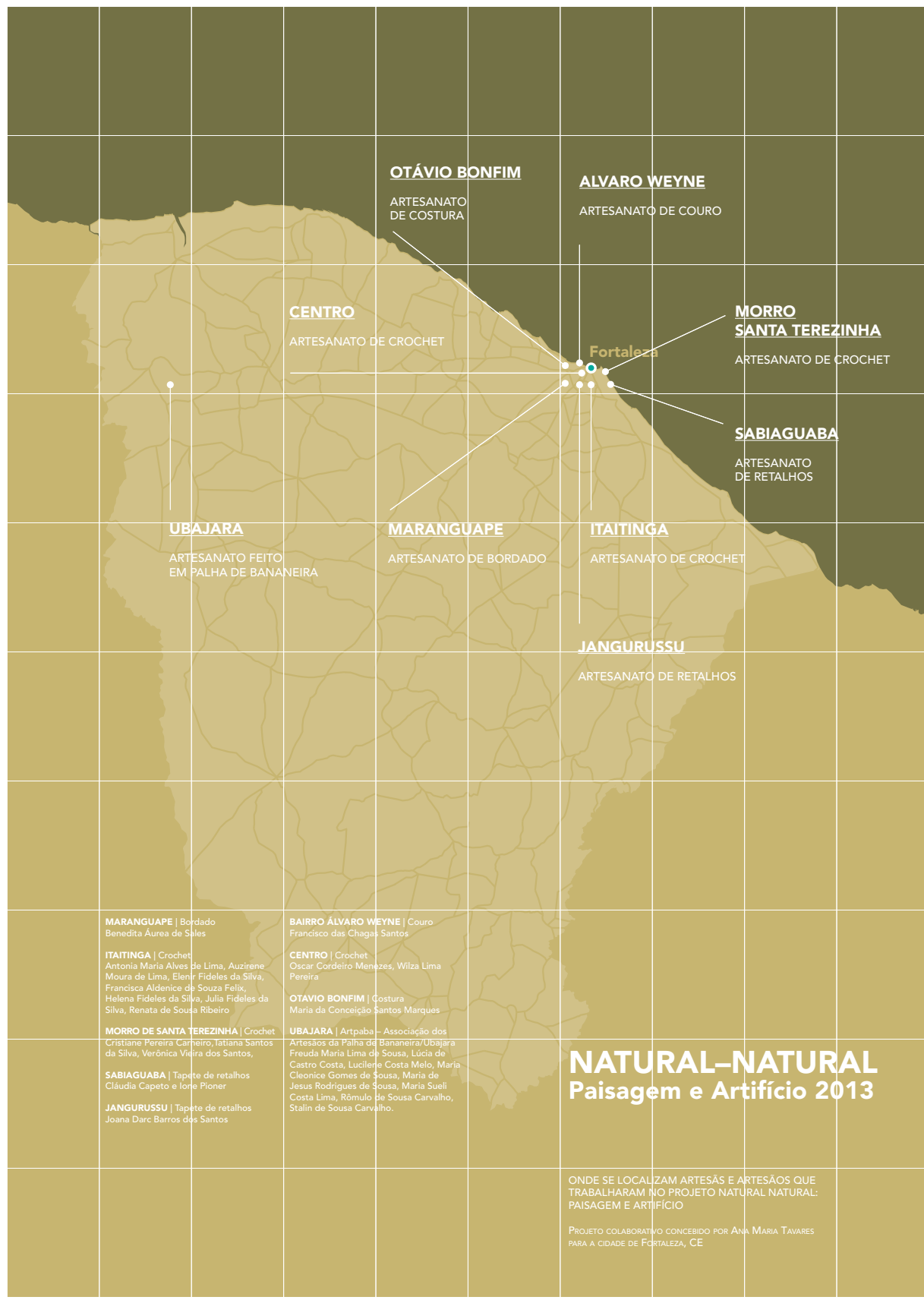
## Teses sobre Paisagem

- 1 Paisagem não é um gênero de arte, mas um meio.
- 2 Paisagem é um meio de troca entre o humano e o natural, o eu e o outro. Como tal, é como o dinheiro: bom para nada em si mesmo, mas expressa o potencial ilimitado de reserva de valor.
- 3 Como o dinheiro, a paisagem é um hieróglifo social que esconde a base real de seu valor. Ela faz isto ao naturalizar suas convenções e tornar convenção sua natureza.
- 4 Paisagem é uma cena natural mediada pela cultura. É, ao mesmo tempo, a cena representada e apresentada, é significante e significado, a moldura e o que a moldura contém, o lugar real e o seu simulacro, o pacote e o bem de consumo dentro deste.
- 5 Paisagem é um meio encontrado em todas as culturas.
- 6 Paisagem é uma formação histórica particular associada ao imperialismo europeu.
- 7 Teses 5 e 6 não contradizem uma a outra.
- 8 Paisagem é um meio exaurido, não mais viável como um modo de expressão artística, como a vida, a paisagem é entediante; não devemos dizer isto.
- 9 A paisagem citada na Tese 8 é a mesma que a da Tese 6.

W. J. T. Mitchell.  
*Landscape and Power*, 1994.







### DAS AMOSTRAS EXISTENTES À CRIAÇÃO

Aqui estão reunidas as primeiras peças trazidas pelas artesãs nas rodas de conversa iniciais. Foi com estas amostras que começamos o diálogo e os questionamentos sobre paisagem, natureza, representação/artífício. Conversas sobre luz e sombra, volume, peso, modos de produção artesanal *versus* modos de produção industrial; o tempo do fazer e a artesanaria como ritual marcaram nossos encontros. Curiosamente, perguntas inesperadas surgiam e nos forçaram a entender os problemas implicados neste processo de tradução: como traduzir uma folha com o mesmo volume que uma vegetação apresenta aos olhos, à nossa percepção? Deste modo, passamos a tratar de relações mais complexas; não mais da coisa em si ou das partes, mas de um 'sistema paisagem', na busca de inventar um artífício para representar aquilo que se chama natureza.





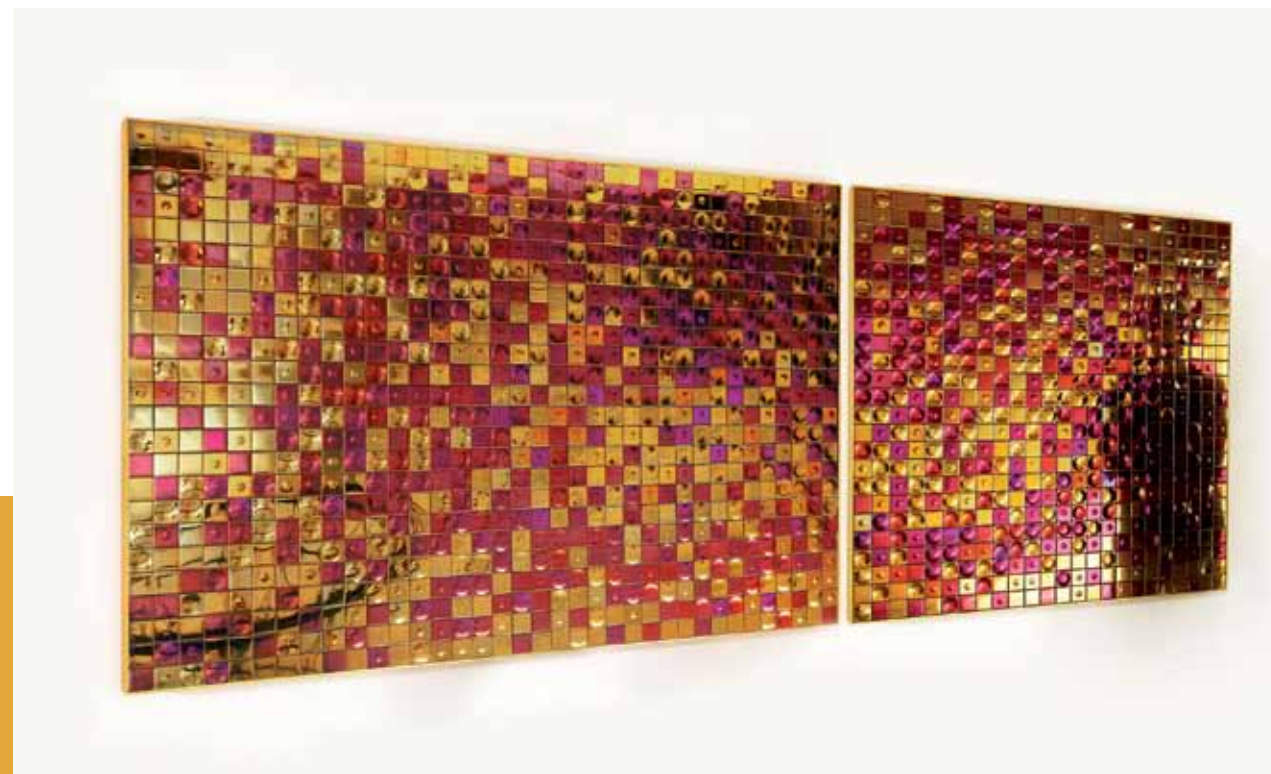






## PONTO PIPOCA

A partir de receitas existentes, experimentos com o Ponto Pipoca foram realizados durante os laboratórios de imersão numa tentativa de traduzir para a técnica do crochet as superfícies em relevo, desenvolvidas para as obras On Contamination e Sobre a Pureza Visual, da série Artifactual, criadas a partir de 2012 em aço inox (ver foto). Para estes estudos propusemos a ampliação de escala deste ponto, dos fios e da mistura dos matizes, de acordo com os conceitos de Artifactual. Além do Ponto Pipoca, buscamos outra alternativa na técnica de bordado, empregando desta vez o Ponto Arroz, também elaborado com distintos fios e matizes. Com o Ponto Arroz confeccionamos o interior das Vitórias Régias e também a obra Azulejos Poros, parte da instalação Fachadas Insanas. Paralelamente a esses desenvolvimentos buscamos ainda traduzir para outro material, o couro – metalizado em diversas cores e envelhecido industrialmente, especialmente produzido em Fortaleza para este fim –, dando corpo à invenção do que passei a definir como “azulejos contaminados”, que me levou à criação da obra Fachadas Insanas. Interessou-nos muito estes jogos de tradução de materiais e processos, que nos permitiram inventar algo que não se afirma como puramente industrial ou artesanal, mas como algo entre, que subverte, emprestando destas duas formas do fazer algumas de suas especificidades.



## ON CONTAMINATION XC2 E XD1, DÍPTICO (DA SÉRIE ARTIFACTUAL) 2012

Aço inox colorido e alumínio anodizado  
122 x 183 x 6,3 cm (esq) e  
122 x 122 x 6,3 cm (dir) | Edição: 1







Ana Maria Tavares

**WISH RIBBON NET** 2008

Rede pesca, fitas de tecido com texto bordado | Detalhe da procissão de inauguração 10th Sonsbeek: Grandeur. Arnhem, Holanda | 600 x 240 cm | Coleção Kröller Müller Museum

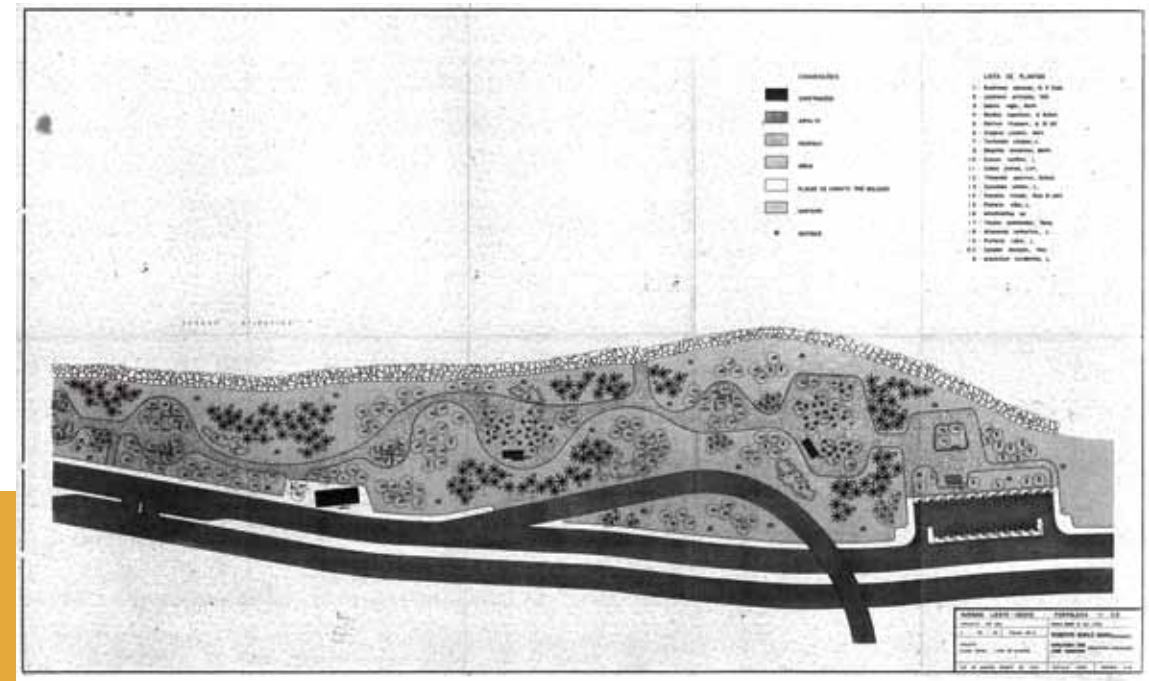
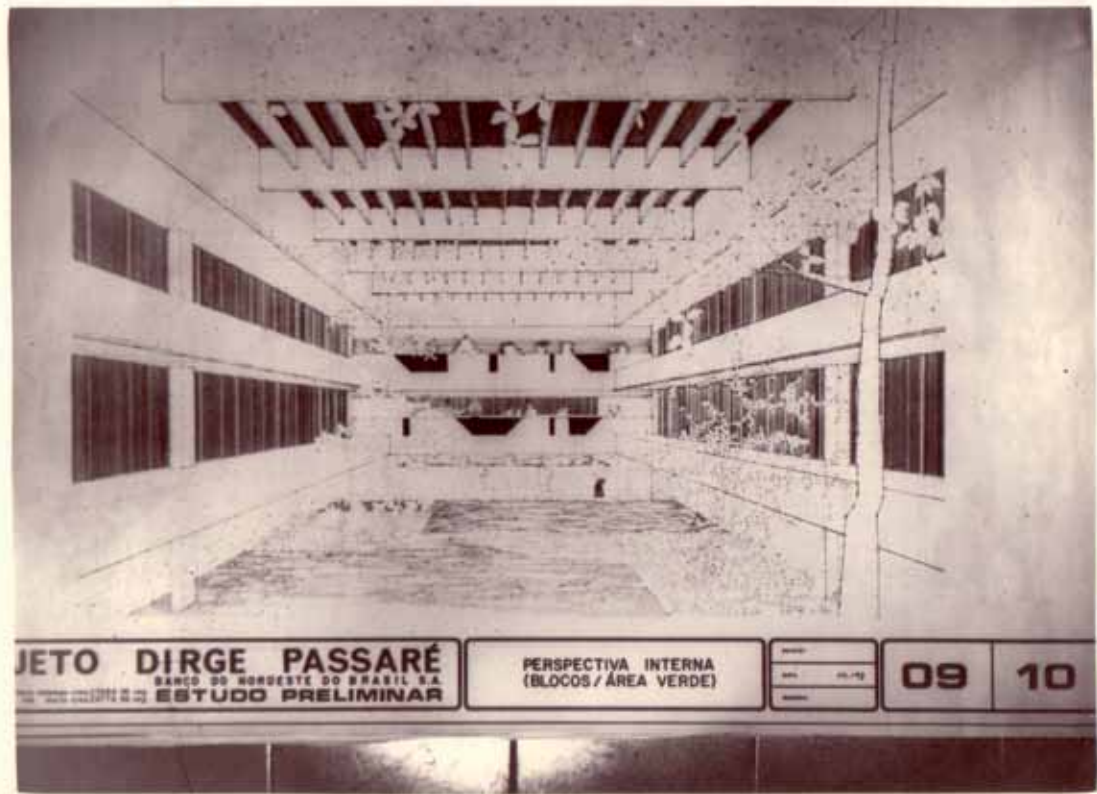


Ana Maria Tavares

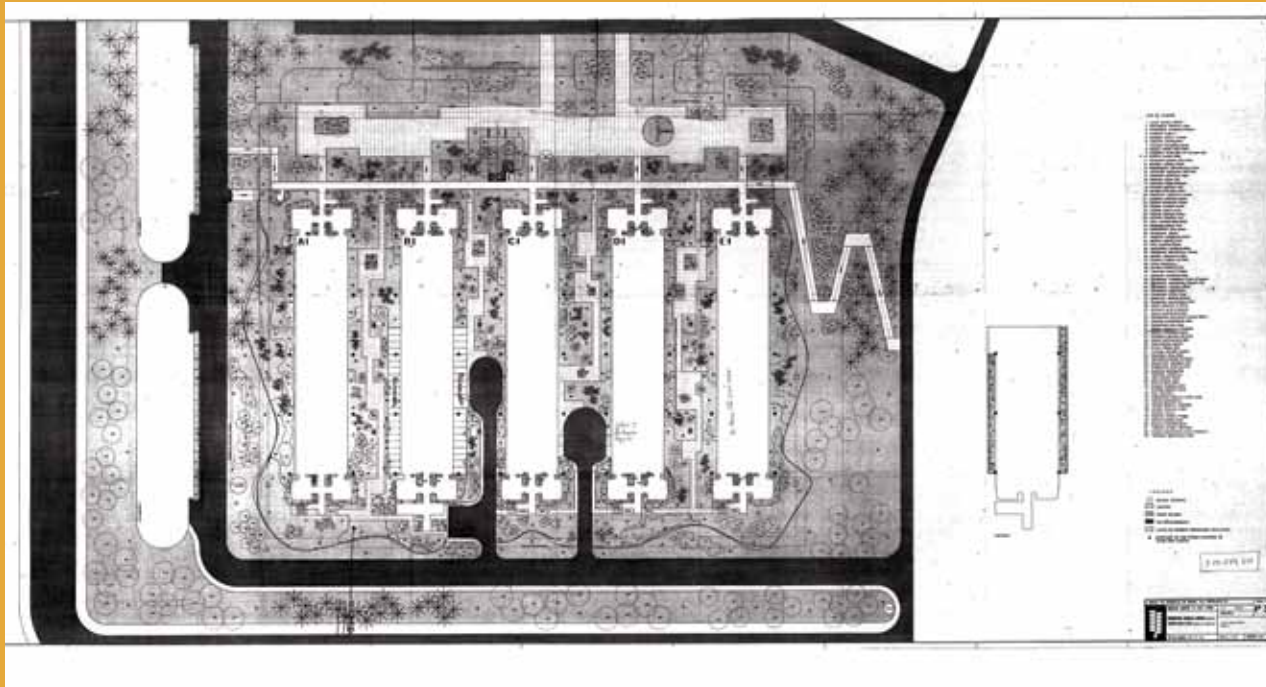
**SECRETS OF THE WATERS (FOR MNEMOSYNE)** 2008

10th Sonsbeek: Grandeur. Arnhem, Holanda | Granito e aço inoxidável | Edição: 5 | 200 x 6 cm | Coleção Kröller Müller Museum | Foto Kröller Müller Museum

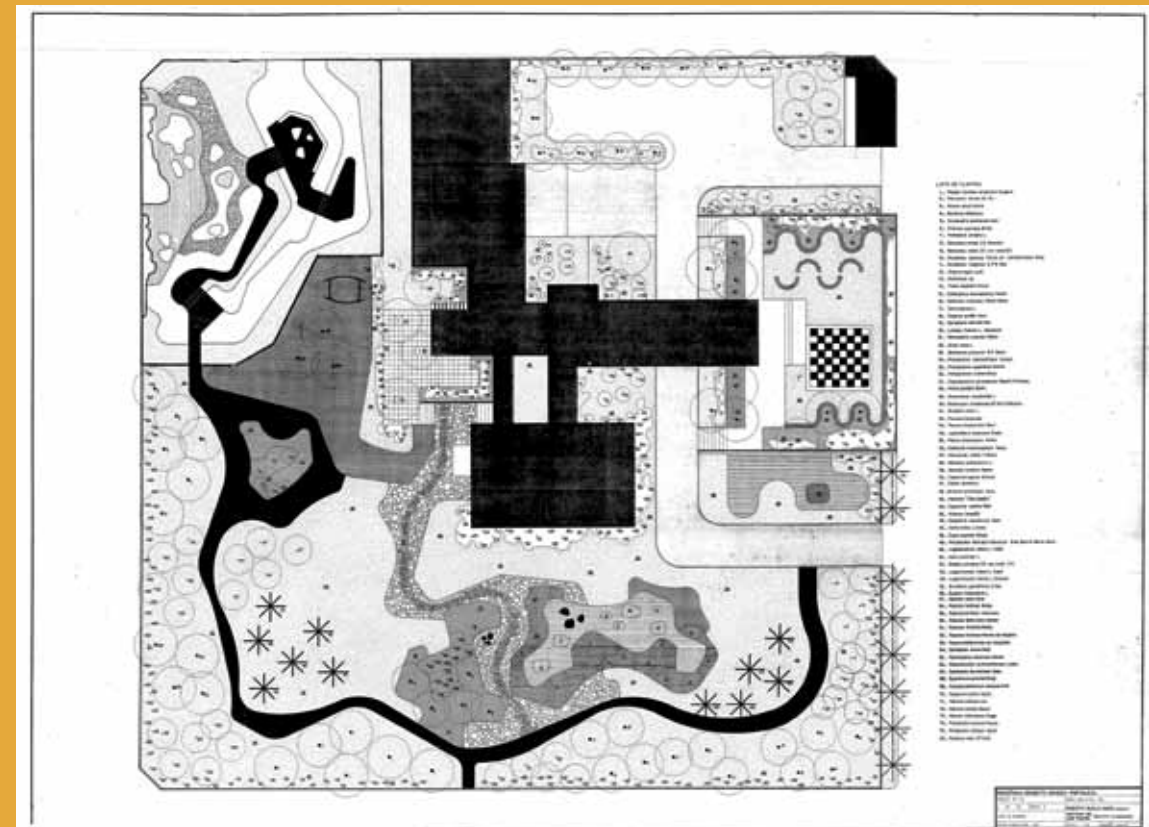




Projeto de Burle Marx para a Avenida Leste Oeste, em Fortaleza.

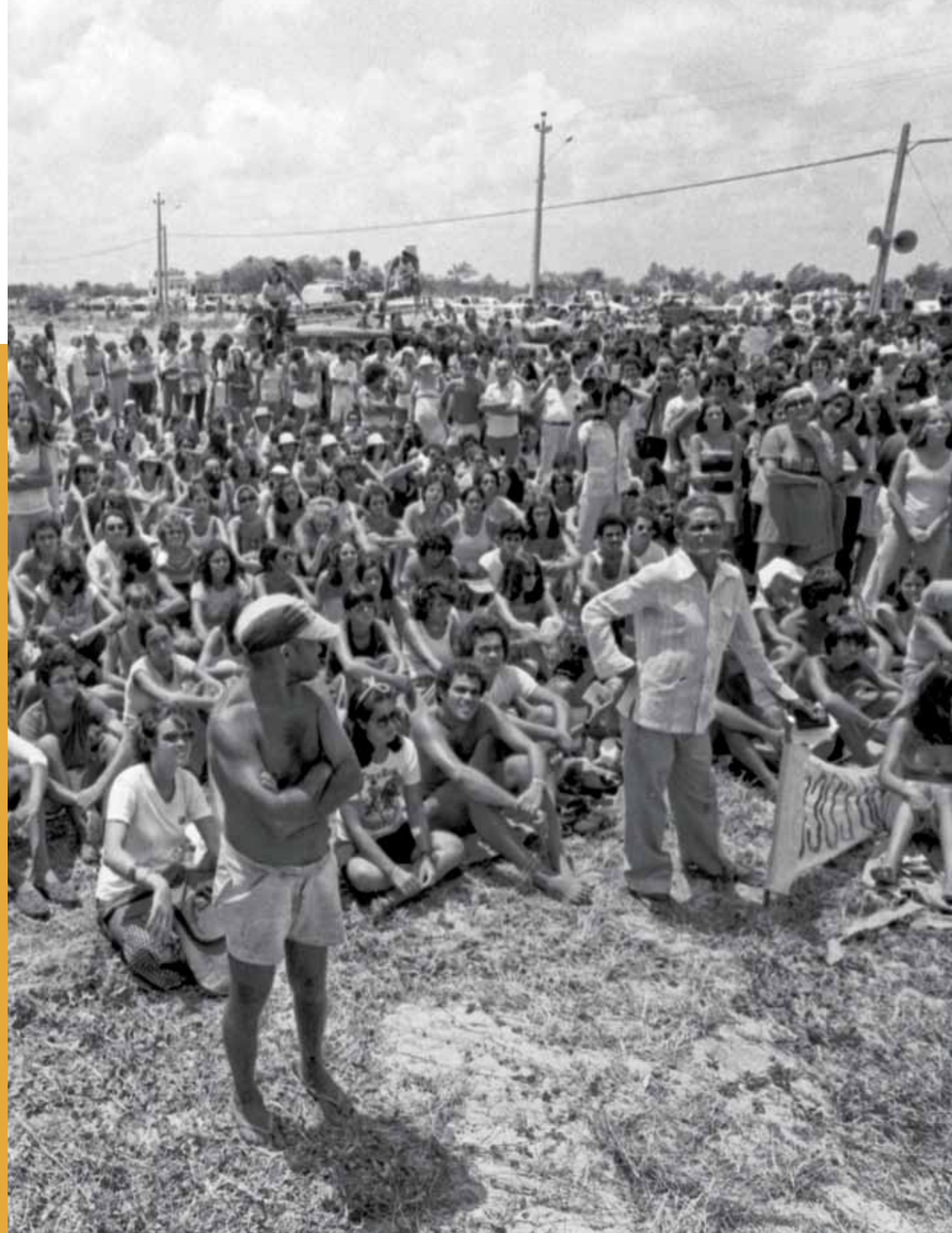


Desenho do projeto de Burle Marx para Banco do Nordeste do Brasil, em Fortaleza.



Projeto do Burle Marx para a residência de Benedito Macedo, em Fortaleza.





Silas de Paula [Castelo, 1950.  
Vive e trabalha em Fortaleza]

**MANIFESTAÇÃO PELA  
DEFESA DO RIO COCÓ** 1980  
4 impressões fotográficas  
30 x 40 cm (cada)





Silas de Paula [Castelo, 1950. Vive e trabalha em Fortaleza]

**IMAGINATIO I 2012** | Impressão fotográfica | 37,5 x 50 cm

**IMAGINATIO II 2012** | Impressão fotográfica | 37,5 x 50 cm



Vitor Cesar [Fortaleza, 1978.  
Vive e trabalha em São Paulo]

**RETRATO PAISAGEM 2008**

Impressão fotográfica, metacrilato  
50 x 70 x 5 cm

Fortaleza é uma cidade localizada aproximadamente a quatro graus abaixo da linha do equador. Por esse motivo o sol tem grande importância no cotidiano da população e na organização dos espaços da cidade. Lojas no entorno da Praça do Ferreira – uma das principais praças da cidade –, que possuem fachadas voltadas para o Oeste, instalam toldos para proteção da forte incidência solar, que acontece principalmente entre 13h e 16h. Eles são fixados a certa distância das fachadas, avançando nas calçadas e formando um corredor de pedestres.



(Próxima página)  
Bruno Schultze [Stuttgart, 1964.  
Vive e trabalha em São Paulo]

**TAPERUABA CANINDÉ 2013** | Impressão sobre papel algodão | 61 x 90 cm

Taperiabá foi o último líder Canindé quando a fazenda Santa Maria se instalou na Pedra da Andorinha, em 1919. Milênios antes, outra civilização elaborava pinturas rupestres nas rochas da região. Que lembranças carrega a paisagem? O que marca a paisagem e por quanto tempo? Testemunhas desde sempre - as Andorinhas...









Guiomar Marinho  
[Rio Negro, 1932  
Vive e trabalha em Fortaleza]

**TAPEÇARIA FLOR AMARELA**  
década de 1970  
Bordado | Lã de diversos  
diâmetros e cores  
150 x 224 cm | Coleção Particular

**TAPEÇARIA BANANEIRA**  
década de 1980

Bordado com fibra de Burití,  
originária da palmeira de mesmo  
nome, fiada e tingida pela artista  
com técnica própria. Fios de lã  
de diversos diâmetros e cores  
152 x 90 cm  
Coleção da artista

No bordado foram utilizados  
os pontos “Brasileiro”, criado  
por Madeleine Colaço, uma  
das precursoras da tapeçaria  
no Brasil, e o “Point Coulée”,  
atribuído à Rainha Matilde de  
Flandres, mulher de Guilherme  
II, Duque da Normandia, para a  
confecção da famosa Tapeçaria  
de Bayeux.



“O artesanato popular corresponde (o artesanato é sempre popular, vamos excluir de nossa conversa as diversas boutiques que se reclamam do artesanato) a uma forma particular de agremiação social, isto é, às uniões de trabalhadores especializados reunidos por interesses comuns de trabalho e mútua defesa, em associações que, no passado, tiveram o nome de **CORPORAÇÕES**. A palavra **ARTE**, que hoje define a atividade artística, indicou no passado a atividade artesanal de qualquer tipo; pintores e escultores foram, no passado, incluídos também no artesanato, nas assim chamadas **ARTES MENORES**. As Corporações existiram na Antiguidade Clássica, isto é, na Grécia e Roma, e tiveram o máximo esplendor na Idade Média, quando a Europa inteira se constituiu em Corporações.

A palavra Artesanato vem da palavra **ARTE** equivalente de Corporação.

Praticamente toda a grande produção popular do passado pertence ao artesanato.

No século XVIII, com a mudança das velhas estruturas econômicas, consequência da Revolução Francesa e da introdução da máquina no trabalho do homem, as Corporações foram abolidas: a estrutura individualista do Capitalismo era antagônica à estrutura coletivista das Corporações. Desde o fim do século XVIII os artesãos sobrevivem como herança de ofício, como trabalho, não mais como parte viva de uma estrutura social.

O artesanato popular deixa de ser artesanato popular quando se esgotam as condições sociais que o condicionam.”

Lina Bo Bardi  
*Tempos de Grossura: O design no Impasse.*





Silvania de Deus [Fortaleza, 1969. Vive e trabalha em Fortaleza]  
**SEM TÍTULO** 2013 | Técnica mista, linho, cordão de punho de rede e crochet | 300 x 120 cm



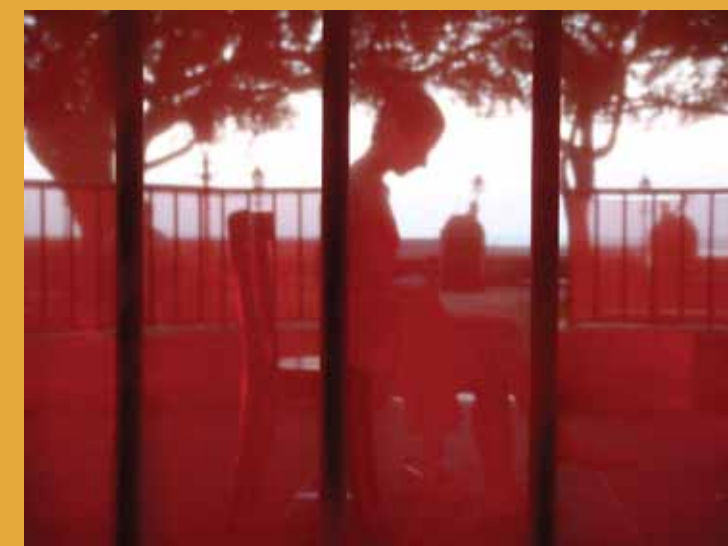
Fabiola Salles Mariano [São Paulo, 1980. Vive e trabalha em São Paulo]

**CONVERGÊNCIA E DISPERSÃO A PARTIR DO VERMELHO** 2009

60º Salão de Abril. Qual o lugar da Arte? | Intervenção urbana e performance | Período: uma semana | Local: Pça. dos Mártires, Passeio Público. Fortaleza

O que determina o modo como as cores são vistas é o seu contexto. Em *Convergência e Dispersão a partir do Vermelho* – que tem como referências o *Ateliê Vermelho*, de Henry Matisse (1911), e *Desvio para o Vermelho* (1967), de Cildo Meireles – o coreto da praça dos Mártires foi “pintado” de vermelho. Esta intervenção cromática, realizada ao longo de uma semana, produziu, na relação com o entorno, transparência e sobreposição: revelou o dia-a-dia de mulheres vivendo da prostituição.

A praça, uma das mais antigas de Fortaleza, foi “revitalizada” em 2007 com melhorias nos jardins e recebeu grades que expulsam dali, no período noturno, ocupações “indesejadas”. Graduar, gentrificar, disciplinar, não extinguem questões sociais inerentes a determinado sistema, entretanto, maquam.

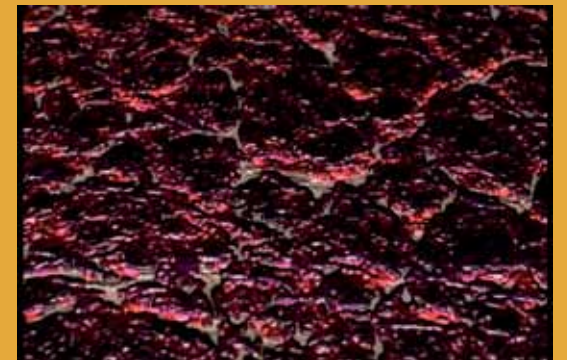






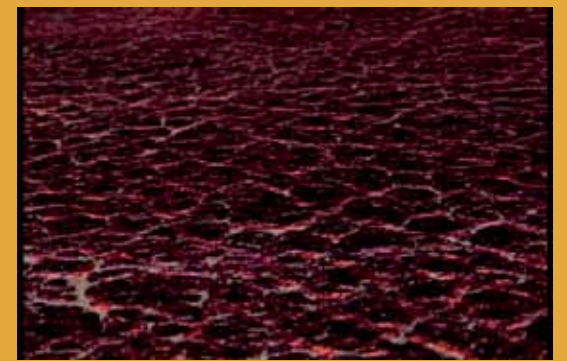
Rodrigo Costa Lima  
[Fortaleza, 1977. Vive e  
trabalha em Fortaleza]

**SEM TÍTULO** 2013  
Vídeo | Duração: 8'  
Imagens captadas em HD  
Formato: 1280:720



Pedro Perez Machado  
[Rio de Janeiro, 1972. Vive e  
trabalha em São Paulo]

**CONTINENTAL 0302** (2013)  
Vídeo – animação em 3D  
Duração: 02' em modo *looping*





**ALEXANDRE BARBALHO**

Professor dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Públicas da UECE e em Comunicação da UFC. Autor e organizador de várias obras que abordam os temas das políticas de cultura, de comunicação e das minorias.

**IZABEL GURGEL**

Jornalista. Com Silêda Franklin, dirige o Theatro José de Alencar desde 2007. É colaboradora do site [www.circonteudo.com.br](http://www.circonteudo.com.br)

**GUIOMAR MARINHO**

Artista plástica. Fez cursos e atividades ligadas a arte, investindo na produção de tapeçarias. Ministrou, durante dez anos, aulas de desenho geométrico, pesquisas de materiais e desenvolvimento de técnicas de bordado e tecelagem. Teve sua primeira exposição em 1969. Administrou a marca Guiomar Marinho até agosto de 2013.

**RICARDO BEZERRA**

Arquiteto urbanista, Mestre em paisagismo pela University of Arizona e Doutor em planejamento urbano (University of Nottingham, 1999), é professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFC desde 1978. Desenvolve pesquisas em história do paisagismo no Ceará – especialmente sobre a obra de Roberto Burle Marx em Fortaleza. A partir de composições musicais suas, gravou o LP Maraponga, 1977, e o CD Notas de viagens, 2002.



**ANA MARIA TAVARES**

Belo Horizonte-MG, 1958

Vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Graduada em Artes Plásticas pela **FAAP** (1982), Mestre pela **The School of the Art Institute of Chicago** (1986) e Doutora pela **ECA/USP** (2000). Em 2001, foi contemplada com a Bolsa Guggenheim pela **Guggenheim Foundation**, NY. Em 2005, foi convidada pela **Rijksakademie** de Amsterdam para o programa de artista palestrante. Foi artista escolhida pelo Programa de Residência da **Universidade Nacional de Bogotá**, Colômbia, em 2007. Nesse mesmo ano foi nomeada para a **Ida Ely Rubin Artist-in-Residence pelo MIT – Massachussets Institute of Technology**, a fim de desenvolver projetos de pesquisa e realizar palestras sobre seu trabalho. Em 2013, o **Humanities Research Center da Rice University**, Huston- USA, outorgou à artista o prêmio Lynette S. Autrey Visiting Scholars-2014 para desenvolver sua pesquisa “Natura In-Vitro: Interrogando a Modernidade” e ministrar curso de pós-graduação.

Sua primeira individual, **Objetos e Interferências**, foi realizada na **Pinacoteca do Estado de São Paulo**, em 1982. Participou de quatro versões da **Bienal Internacional de São Paulo**: 1983, 1987, 1991 e 2000, da **VII Bienal de Havana**, 2000, da **Bienal de Istambul**, 2001, e da **Bienal de Cingapura**, 2006. Dentre as individuais no Brasil destacam-se: **Porto Pampulha**, 1997; **Relax’o’vision**, 1998; **Numinosum**, 2002; **Enigmas de uma Noite**, 2004; **UK YIO – E Fortuna e Recusa**, 2008; **Desviantes**, 2011, e **Tautorama**, 2013. No exterior destacam-se as individuais: **Middelburg Airport Lounge com Parede Niemeyer**, 2001 (Holanda), **Entrückte Körper – GRU /TXL**, 2002 (Berlim), **Landscape for Exit I and Exit II**, 2005 (Portugal), **Cristal Waters**, 2008 (Holanda). Participou de inúmeras exposições coletivas em museus internacionais, entre eles: o **New Museum of Contemporary Art**, 2003 (NY); o **Royal College of Art**, 2003 (Londres); o **Schirn Kunsthalle**, 2003 (Frankfurt), e a **Akademie der Kunst**, 2003 (Berlim); **21st Century Museum of Contemporary Art, Kanasawa**, 2004 (Japão), **Insite no The San Diego Museum of Art** (San Diego) e no **Toyota Municipal Museum of Art**, 2008 (Japão). Para a exposição **Soonsbeek 2008** realizou projeto em colaboração com a comunidade local de Arnhem (Holanda). Realizou projetos de instalações para o **MOT – Museum of Contemporary Art Tokyo**, 2009 (Tokio), o **Hiroshima City Museum of Contemporary Art**, 2009 (Hiroshima), e o **Yerba Buena**, 2009 (São Francisco).

Em 2013, desenvolveu o projeto **Natural-Natural: Paisagem e Artificio**, com a colaboração de artistas e artesãos do Ceará, culminando em duas exposições (Fortaleza, MAC, e Juazeiro do Norte, CCBNB). **Deviating Utopias** é a individual da artista nos Estados Unidos, realizada pela **The Frist Center for the Arts** em Nashville, Tennessee. Em 2014 realizará, no **Museu da Vale**, em Vila Velha, no Espírito Santo, uma exposição individual. Para 2015 a artista prepara a exposição **Natura In-Vitro: Interrogando a Modernidade**.

**Créditos Fotográficos**

<b>Bruno Schultze</b>	Págs. 3, 6, 8, 13, 25, 26 e 27, 28 e 29, 30, 34 e 35, 37, 38 abaixo, 42, 43, 45, 46, 47, 49 abaixo, 50, 51, 52 abaixo, 53, abaixo, 56 e 57, 60 e 61, 72 e 73, 74 abaixo, 76 abaixo, 83 acima, 86 acima, 87, 88, 94 abaixo, 97 abaixo, 98 e 99, 100, 101, 102.
<b>Fabiola Salles Mariano</b>	Págs. 90, 103.
<b>Flavio Lamenha</b>	Pág. 89 acima (Montagem: Pedro Perez Machado).
<b>Eduardo Brandão</b>	Pág. 68.
<b>João Tavares Pini</b>	Págs. 1, 10, 14, 24, 41, 44, 49 acima, 52 acima, 53 acima, 55, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 71, 75, 76 acima, 78 e 79, 80 e 81, 83 abaixo, 85 acima, 86 abaixo, 89 abaixo.
<b>Karina Zen</b>	Pág. 103 abaixo.
<b>Kröller Müller Museum</b>	Pág. 91.
<b>Silas de Paula</b>	Pág. 11, 94 acima, 95, 96.
<b>Vitor Cesar</b>	Págs. 2, 7, 9, 12, 22, 23, 31, 32, 33, 38, 39, 74 acima, 85 abaixo e 88 acima esq.
<b>Wanessa Malta</b>	Pág. 97 acima.



**Concepção e Coordenação  
Curadoria  
Cocuradoria**

Ana Maria Tavares  
Ana Maria Tavares  
Vitor Cesar

**Participação especial – Artesãos convidados**

Antonia Maria Alves de Lima, Auzirene Moura de Lima, Benedita Áurea de Sales, Cláudia Capeto, Cristiane Pereira Carneiro, Elenir Fideles da Silva, Francisca Aldenice de Souza Felix, Francisco das Chagas Santos, Francisco Fortunato da Silva, Freuda Maria Lima de Sousa, Helena Fideles da Silva, Ione Pioner, Joana Darc Barros dos Santos, Julia Fideles da Silva, Lúcia de Castro Costa, Lucilene Costa Melo, Maria Cleonice Gomes de Sousa, Maria da Conceição Santos Marques, Maria de Jesus Rodrigues de Sousa, Maria Sueli Costa Lima, Oscar Cordeiro Menezes, Renata de Sousa Ribeiro, Rômulo de Sousa Carvalho, Stalin de Sousa Carvalho, Tatiana Santos da Silva, Verônica Vieira dos Santos, Wilza Lima Pereira

**Participação especial – Artistas convidados**

Bruno Schultze, Celina Hissa, Fabíola Salles Mariano, Guiomar Marinho, Manoela Quintas, Marina Sheetikoff, Pedro Perez Machado, Rodrigo Costa Lima, Silas de Paula, Silvania de Deus, Vitor Cesar

**Participação especial – Entrevistados**

Alexandre Barbalho, Guiomar Marinho, Izabel Gurgel, Ricardo Bezerra

**Pesquisa  
Assistentes de pesquisa  
Coordenação das oficinas de imersão  
(LAB-01 e LAB-02)  
Direção artística de comunicação visual  
e design gráfico  
Revisão de texto  
Projeto expográfico  
Documentação fotográfica  
Documentação videográfica**

Júlia Lopes  
Samuel Gomes e Camila Claudino

Ana Maria Tavares e Celina Hissa

Estúdio Permitido  
Mirela Adriele da Silva Castro  
Vitor Cesar  
Bruno Schultze e João Tavares Pini  
Rodrigo Costa Lima

**Coordenação das entrevistas  
Documentação das entrevistas  
Direção e fotografia  
Câmera e Captação de Som  
Montagem e Tratamento de Som  
Edição  
Conservação e Restauro  
Projeto Executivo e Modelação Gráfica**

Júlia Lopes

Rodrigo Costa Lima  
Marco Rudolf  
Danilo Carvalho  
Danilo Carvalho, Júlia Lopes e Rodrigo Costa Lima  
Isis Baldini  
Pedro Perez Machado

**Coordenação Seminário Internacional  
Palestrantes e Mediadores**

Ana Maria Tavares e Fabíola López-Durán  
Ana Maria Tavares (USP/SP Brasil), Enrico Rocha (CE Brasil), Fabíola López-Durán (Rice University/Houston USA), Fernanda Rocha (UNIFOR/CE Brasil), Gisele Sanglard (FIOCRUZ/RJ Brasil), Jacqueline Medeiros (CCBNB/CE Brasil), Nikki Moore (Rice University/Houston USA), Paulo Herkenhoff (MAR/RJ Brasil), Renato Bezerra Pequeno (UFC/CE Brasil), Ricardo Bezerra (UFC/CE Brasil)

**Administração Geral  
Auxiliares Administrativas  
Gestão Financeira  
Produção Geral do Projeto  
Produção Local dos Laboratórios de Imersão  
Coordenação de Produção da Exposição  
Assistente de Produção Executiva  
Assessoria Jurídica**

Tópico Empreendimentos e Produções de Arte  
Fabíola Salles Mariano e Jane dos Santos  
Giallo MKT/Joyce Gitahy  
Fabíola Salles Mariano  
Fix Eventos  
Letissa Kanawati e Arão Reis dos Santos  
Socorro Leite  
Martha Macruz

**Patrocínio e Apoio Financeiro**

CCBNB – Centro Cultural Banco do Nordeste e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES Brasil

**Apoio**

Catarina Mina, Componenti, Design Art Móveis Customizados, DZMOB Bases e Componentes para Cadeiras, Floresta Bar, Labtec, Multiarte, TB Inox Tornearia Brasil.

**Apoio Institucional**

ADU FC – Associação dos Docentes da UFC, BNB Passaré, Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes – USP, Fórum Permanente, Jornal O Povo, MAC Museu de Arte Contemporânea – Centro de Arte e Cultura Dragão do Mar, Sobrado Dr. José Lourenço – Governo do Estado do Ceará – Secretaria da Cultura, Teatro José de Alencar – Governo do Estado do Ceará – Secretaria da Cultura, UFC – Universidade Federal do Ceará, UNIFOR – Universidade de Fortaleza, Vila das Artes – Prefeitura de Fortaleza.

**Agradecimentos**

Adelaide Gonçalves, Alan Morais, Alexandre Barbalho, Beatriz Furtado, Beta Pontes, Bia Salerno, Bitu Cassundé, Carla Vidal, Dança no Andar de Cima, Darllene Lima, Diogo Gouveia, Enrico Rocha, Expomus, Fátima Sudário, Fernando Barroso, Francisco Fortunato da Silva, Galeria Silvia Cintra, Galeria Vermelho, Gaspar Tavares Pini, Gláucia Costa, Guiomar Marinho, Izabel Gurgel, Jacqueline Medeiros, Joana de Paula, João Tavares Pini, Júlio Lira, Kelviane Lima, Léo Carrero, Leonardo Assis, Luanda A. Bonadio, Márcia Cavalcante Arquitetos Associados Ltda, Márcia Cavalcante, Marcos Martins Freitas, Martin Grossmann, Max e Bia Perlingeiro, Olga Paiva, Pedro Rocha, Rafael Cordeiro Felismino, Ricardo Bezerra, Ricardo Marinho, Rita Pereira da Silva, Roberta Saraiva, Roberto Theodósio, Tai Castilho, Tera Queiroz, Tiago Lisboa, Tibico Brasil, Viviane Ponte de Oliveira

**Atelier Ana Maria Tavares**

Arão Reis dos Santos, Jane dos Santos, Fabíola Salles Mariano, Letissa Kanawati e Pedro Perez Machado

[www.anamariatavares.art.br](http://www.anamariatavares.art.br)





apoio



Instituto  
Dragão do Mar



DESIGN|ART  
MÓVEIS CUSTOMIZADOS

L@BYTEC  
LABORATÓRIO DE TI

Catarina Mina



patrocínio



realização

Ministério da  
Cultura









